

CARLA RAQUEL MATOS FRANCISCO

**O POPULISMO E A DEFINIÇÃO DE POLÍTICA
EXTERNA: O CASO DO RASSEMBLEMENT
NATIONAL NA UNIÃO EUROPEIA**

Orientador: Professor Doutor José Filipe Pinto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2022

CARLA RAQUEL MATOS FRANCISCO

**O POPULISMO E A DEFINIÇÃO DE POLÍTICA
EXTERNA: O CASO DO RASSEMBLEMENT
NATIONAL NA UNIÃO EUROPEIA**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Diplomacia e Relações Internacionais no Curso de Mestrado em Diplomacia e Relações Internacionais, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 23 de novembro de 2022, perante o júri, com o Despacho de Nomeação N.º 386/2022, de 11 de novembro de 2022, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Vasco Fernando Ferreira Rato;
Orientador: Prof. Doutor José Filipe Pinto;
Arguente: Prof. Doutor Francisco Proença Garcia.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2022

Para a política o homem é um meio; para a moral é um fim. A revolução do futuro será o triunfo da moral sobre a política.

Ernest Renan

Dedico este trabalho a toda a minha família, que sempre me apoiou e, em especial, à minha mãe, mulher mais forte e inspiradora que conheci. Sem o teu apoio, nada disto seria possível. Onde quer que estejas, serás sempre o meu exemplo.

Agradecimentos

Desejo exprimir, de forma singela, o meu agradecimento a todos aqueles que, direta ou indiretamente, permitiram que esta dissertação se concretizasse.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, Professor Doutor José Pinto, que, através dos seus vastos conhecimentos, dos quais estou eternamente grata, me encaminhou na direção certa. Agradeço a sua compreensão e interesse, a sua visão crítica e oportuna, assim como os seus conselhos e apoio inalcançável. O seu trabalho e ajuda contribuíram, não só para enriquecer, ao mais alto nível, todas as etapas do trabalho realizado, como foram uma ferramenta chave para o meu desenvolvimento neste campo científico.

Agradecer também à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias que, através do afínque trabalho de todos os envolventes, criou um mestrado que se afirma pela sua irreverência, apoiada pela sua vasta lista de docentes que se destacam pelo seu alto nível de profissionalismo.

De igual forma, agradecer a toda a minha família, dos mais velhos aos mais novos. Agradeço a motivação e incentivo constante, as palavras de carinho nos momentos mais difíceis, os sorrisos a cada conquista alcançada e o abraço quando tudo parecia perdido. De forma especial, enaltecer os meus pais, Rui e Fátima, que sempre me colocaram a mim e aos meus sonhos em primeiro lugar. O vosso apoio tornou tudo isto possível.

Na impossibilidade de mencionar todos aqueles que foram importantes ao longo do último ano, deixo o meu profundo agradecimento às restantes pessoas que contribuíram para a concretização desta dissertação, incentivando-me sempre, seja a nível intelectual como emocional.

Resumo

O Populismo não é um fenómeno recente, mas o seu recrudescimento tem sido particularmente acentuado desde que o processo de integração europeia caminhou num sentido de um maior aprofundamento.

A França, berço do tipicamente caracterizado como precursor dos partidos de extrema-direita no contexto europeu, o atual Rassemblement National, ao adotar um sistema eleitoral a duas voltas, para a Assembleia Nacional, acaba por não traduzir em mandatos, de forma linear, todo o apoio social que este partido tem vindo a granjear. Contudo, no que diz respeito às eleições para o único órgão da União Europeia escolhido diretamente pelos cidadãos, a realidade torna-se diferente. No contexto europeu, ao ser utilizado o método proporcional e a fórmula d' Hondt, permite que este partido constitua uma das principais formações populistas eurocéticas.

Tendo isto em conta, a presente dissertação, visa compreender, através da análise de documentos e programas partidários, tanto as continuidades como discontinuidades entre a política externa francesa e o posicionamento do Rassemblement National na União Europeia.

Palavras-chave: Populismo, Política Externa; União Europeia; França; Rassemblement National.

Abstract

Populism is not a recent phenomenon, but it's resurgence has been particularly accentuated since the moment the process of European integration moved towards greater depth.

France, cradle of what is typically characterized as the precursors of far-right parties in the European context, the actual Rassemblement National, by adopting a two-round electoral system for the National Assembly, ends up not being able to translate, in a linear way, all the social support that this party has been gaining. However, when it comes to the European Union elections, knowing that it is an organ chosen, directly, by the citizens, the reality is much different. In the European context, when using the proportional and formula of Hondt, allows this party to constitute one of the main Eurosceptic populist formations.

Bearing this in mind, this dissertation aims to understand, through the analysis of documents and political programs, both the continuities and discontinuities between French foreign policy and the positioning of the Rassemblement National in the European Union.

Key words: Populism; Foreign policy; European Union; France; Rassemblement National.

Siglas e acrónimos

AEPN – Aliança Europeia dos Povos e das Nações

AfD – Alternativa para a Alemanha

CETA – Acordo Integral de Economia e Comércio

DP – Partido Popular Dinamarquês

FN – Frente Nacional

FPO – Partido da Liberdade Austríaco

IFOP – *Institut D'Études Opinion et Marketing en France*

ID – Identidade e Democracia

IRIS – Instituto de Relações Internacionais e Estratégias

LSE – Escola de Economia e Ciência Política

LN – Liga do Norte

MSI – Movimento Social Italiano

M5S – Movimento 5 estrelas Stelle

ON – Ordre Nouveau

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PAC – Política Agrícola Comum

PE – Parlamento Europeu

PS – Perussuomalaiset (Partido dos Finlandeses)

PVV – Partido para a Liberdade Holandês

RN – Rassemblement National

TTIP – Transatlantic Trade and Investment Partnership

RPR – Rassemblement pour la République

UDCA – União dos Comerciantes e Artesões

UE – União Europeia

Índice geral

Resumo	6
Abstract.....	7
Siglas e Acrónimos	8
Introdução.....	10
I. Conceitos estruturantes/operacionais	15
I.I. Populismo	15
I.II. Política externa	18
II. Política francesa.....	22
II.I. Análise dos programas de Governo.....	22
III. Extrema-direita em França	28
III.I. História do Rassemblement National.....	32
III.II. Grandes bandeiras	39
III.III. Atuação na União Europeia.....	46
Conclusão	56
Bibliografia.....	59

Introdução

Apesar de se apresentar como um tema altamente discutido em todo o mundo, o populismo surgiu no século XIX assumindo um papel peculiar no contexto político mundial. Sendo extremamente ambíguo, por ser relativamente difícil de definir, trata-se de um fenómeno que vem sentindo um recrudescimento altamente significativo desde o momento em que o processo de integração europeia se encaminhou no sentido de um maior aprofundamento. Devido à incerteza, no que diz respeito ao seu posicionamento no espectro político, ou seja, na posição face aos termos “esquerda-direita”, a complexidade de definição acaba por ser espectável, podendo tomar proporções e vertentes diferentes, tendo em conta a região ou circunstâncias em que é utilizado.

Colocando, como o próprio nome indica, o “povo” como a figura central e enaltecida na ação política, Pinto (2017, p. 84) descreve, na sua obra, o conceito como sendo caracterizado por “uma forma de articulação assente na luta pela hegemonia, concebida, sobretudo ou unicamente, na sua dimensão política”, impulsionando assim a luta pelos direitos do povo, enquanto assenta na criação de um opositor, abordando-o da forma mais negativa possível, tratando-o como o inimigo que destabiliza o normal funcionamento da nação.

Sendo estudado, na sua maioria, em contextos nacionais específicos, graças à sua caracterização distinta, estima-se que os primeiros estudos se tenham focado, na Rússia e nos Estados Unidos da América, estendendo-se, anos mais tarde, à América Latina e à Europa Ocidental e, na atualidade, a todos os palcos políticos mundiais. Contrapondo a todos os anos de evolução e existência do conceito, mesmo existindo um claro incremento de estudos a respeito da temática, analisando, cada vez mais, novos líderes e movimentos que vão surgindo pontualmente, muito do trabalho desenvolvido, acabava por se concentrar numa pequena lista de países.

Porém, se em tempos, o termo populismo se utilizava apenas em casos pontuais, hoje em dia torna-se cada vez mais comum a sua associação aos maiores líderes mundiais, como crítica clara das políticas adotadas. A título de exemplo, no que diz respeito a acusações por ligação a correntes mais direcionadas contra um inimigo comum, construído pelo líder em questão, ou seja, à tentativa de utilização da luta do povo “puro”, contra a elite “corrupta”, é possível identificar as atitudes desempenhadas por alguns dos maiores líderes políticos mundiais, como é o caso de Donald Trump, 45º Presidente dos Estados Unidos da América, Jair Bolsonaro, atual Presidente do Brasil e Marine Le Pen, Presidente do Rassemblement

National em França e um dos nomes mais sonantes no contexto europeu associado a tais práticas.

Populismo que já começa a desenvolver formas de cooperação, embora convenha dizer que essa cooperação pouco tem a ver com a imagem que frequentemente está associada ao termo e que passa pela ajuda ou apoio visando o bem comum.

Para compreender o desejo primordial de cooperação entre vários países europeus torna-se necessário recuar na história. A década de 1950, marcante na história da União Europeia, destaca, desde o primeiro momento, dois países, dissemelhantes, mas igualmente importantes, como estando na posição central do projeto europeu. As posições contraditórias, várias vezes enaltecidas com o decorrer da história, nomeadamente nas posições tomadas em momentos de conflitos, apenas assinalam a relevância que tanto a Alemanha como a França desempenham no contexto europeu. Por isso Churchill falou dos Estado Unidos da Europa como forma de acalmar os ânimos belicistas de francos e germânicos. A França, foco da presente dissertação, sendo conotada como um dos irrevogáveis pilares da União Europeia, ao sofrer vagas eurocéticas cada vez mais sonantes, coloca em causa a integridade e normal funcionamento tanto no seu contexto interno como externo.

Precursora de tais movimentos eurocéticos e da extrema-direita, em França e por toda a Europa, surge o Rassemblement National, antiga Frente Nacional. Dirigida, atualmente, por Marine Le Pen, sucessora de seu pai e fundador do partido, Jean Marie Le Pen, acaba por conduzir a uma terceira onda de partidos com a mesma posição no espectro político em pleno início dos anos 80. Sendo alvo constante de estudos, o partido acaba por ser apontado como um modelo arquetípico para outros partidos, mesmo a nível interno.

De facto, por ter alcançado números muito significativos no decorrer da última década, o Rassemblement National levou a que a retórica de outros candidatos políticos começasse a tender mais para a direita do espectro. Sendo um forte apoiante do alegado nacionalismo francês, o partido é e tem sido, desde os seus tempos primordiais, associado e acusado de promover, não só a xenofobia¹ como o antissemitismo², em grande parte graças a uma extensa lista de declarações relativas a tópicos como o Holocausto, porque o então Presidente acabou

¹“Antipatia ou aversão pelas pessoas ou coisas estrangeiras; preconceito ou atitude hostil contra o que é de outro país” Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/xenofobia>.

²“Pessoa inimiga dos Semitas, sobretudo dos Judeus”. Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/antisemita>.

por o minimizar, referindo-se o mesmo como um “mero detalhe na história da segunda guerra mundial” (Chrisafis, 2015).

Tendo em conta a realidade francesa dos últimos anos, após ter sido atingida por diversos ataques de caráter terrorista em poucos meses, que atingiram centenas de cidadãos, torna-se clara a crescente audiência no que toca a esta linha de novas políticas na temática da segurança, sendo enaltecido a vontade de manter a identidade nacional, enquanto se direciona e mantém uma posição contra o islamismo e, conseqüentemente, a imigração. Marine Le Pen, apoiante de tais ideias, apesar de ter perdido a luta pela presidência para Emmanuel Macron³, apresentou números históricos passíveis de serem vistos como uma vitória para a extrema-direita francesa a vários níveis. O RN está para ficar e tende a afirmar-se cada vez mais, prova disso é a sua crescente visibilidade no seio europeu, o que torna o estudo da sua evolução imprescindível.

A crescente afirmação na União Europeia, que, segue o método proporcional da forma de Hondt, em oposição ao sistema eleitoral francês, que se rege pelo sistema eleitoral maioritário a duas voltas, acaba por permitir ao RN traduzir em mandatos o apoio social que já conseguiu granjear ao longo dos anos, alcandorando-se como uma das principais formações populistas eurocéticas. Esta crescente popularidade a nível internacional coloca assim o projeto europeu, como o conhecemos, em risco de perder a sua essência comunitária, assente na cooperação e desenvolvimento conjunto.

Esta realidade, fundamental para todos os cidadãos europeus, justifica os principais objetivos da presente dissertação. Focando-se na crescente importância atribuída ao partido, a primeira fase de pesquisa passa por analisar ambos os programas eleitorais, ou seja, o programa de Governo francês e o programa do Rassemblement National, de forma a perceber que continuidades e descontinuidades são detetáveis no estudo desses programas.

Após esta análise, a segunda questão visa entender de que forma um partido que não integra o Governo pode condicionar as políticas do país, ou seja: de que forma o Rassemblement National condiciona a política francesa tanto na sua dimensão interna como externa, designadamente, no que concerne à integração europeia?

Para responder a estas questões, seguindo uma revisão profunda da literatura, documentos e acervos disponíveis no que concerne à dinâmica da União Europeia e à política

³Político francês ao serviço do país como Presidente desde 2017, tendo a sua presidência renovada em 2022.

interna e externa francesa, a metodologia adotada foi, na sua maioria, qualitativa, uma vez que ajuda a entender tanto o processo de decisão das medidas tomadas, assim como providência uma visão mais detalhada da temática, até porque foi complementada pela análise de dados estatísticos eleitorais, apoiando assim a vertente quantitativa da pesquisa. O estudo pretende então uma recolha sucinta de dados que permitam o conhecimento das posições programáticas do partido e a sua influência na política externa francesa, sendo que para tal, foram analisadas fontes tanto de carácter primário como secundário.

A análise de fontes primárias incidiu, na sua maioria, nos discursos e outros materiais produzidos pelo Rassemblement National e pelo Governo francês, nomeadamente, os seus programas políticos e documentos disponibilizados nos sites oficiais: a conta oficial de Marine Le Pen⁴; o site oficial do: Rassemblement National⁵, o site do partido atualmente no poder: *La République en Marche*⁶, assim como discursos realizados não só ao longo da campanha eleitoral como também posteriores a essa fase. As fontes primárias incluem, ainda, links relacionados com os websites do partido (apoiantes e membros) e notícias relativas à problemática. Por sua vez, no que diz respeito a fontes secundárias, foi consultada uma vasta lista de obras indispensáveis. Salientado, dentro das demais, os livros e artigos científicos de José Filipe Pinto, em conjunto com obras de outros autores de referência, por exemplo Cas Mudde possibilitaram uma cabal compreensão da temática.

Em suma, esta metodologia foi utilizada para construir uma tipologia abrangente quando se tratou do núcleo do Rassemblement National e das características populistas, enquanto se analisou o seu papel e peso na política externa francesa, podendo condicioná-la ou não.

Em relação a vantagens, este estudo de caso disponibiliza uma análise de dados rica que ajuda a perceber de forma completa a realidade francesa relativamente a esta força partidária com peso crescente no seio europeu.

No que diz respeito à estrutura, depois da introdução, onde foi apresentada a temática e operacionalizada a problemática, num primeiro momento, foram definidos os conceitos estruturantes/operacionais, ou seja, uma análise sucinta tanto do populismo, da sua evolução e

⁴Conta oficial de Marine Le Pen na plataforma Facebook: <https://www.facebook.com/MarineLePen/>;

⁵Site oficial do RN: <https://rassemblementnational.fr/>;

⁶Site oficial do partido dirigido por Emmanuel Macron: <https://en-marche.fr/>;

adaptação às realidades da época, assim como do conceito de política externa. A análise dos termos serviu de base para o desenrolar do estudo.

O segundo capítulo visou, a partir da definição de política externa feita no capítulo um, uma análise a nível nacional do programa de Governo, examinando não só as zonas e/ou áreas/setores prioritários, como também as maiores ameaças identificadas.

Por sua vez, o terceiro e último capítulo apontou a realidade e história em torno da antiga Frente Nacional, caracterizando as suas grandes bandeiras, a sua clara evolução eleitoral e a presente atuação na União Europeia.

Esta dissertação evidencia que assiste razão a António Costa Pinto (2022) quando afirma que a tendência para o crescimento dos partidos populistas de direita radical parece óbvia em todos os países europeus. A incógnita, está associada ao que significaria para a União Europeia uma mudança na presidência francesa. Como tal não aconteceu em 2022 fica por responder à questão que se prende com o reflexo que essa mudança teria no processo de integração europeia.

A norma utilizada, tanto para as citações como para as referências bibliográficas, foi a da *American Psychological Association* (APA).

I. Conceitos estruturantes/operacionais

I.I. Populismo

Enaltecido como um dos maiores “political buzzwords of the XXI century” (Mudde & Kaltwasser, 2017, p. 1)⁷, o termo populismo distingue-se pelas suas inúmeras definições e abordagens.

Defendendo uma realidade política onde deve ser seguida a “volonté générale”, ou seja, a vontade geral do povo, Cas Mudde (2004, p. 543) refere-se ao populismo como uma ideologia que idealiza a sociedade como estando separada em dois grupos heterogéneos e antagónicos, ou seja, uma sociedade que apresenta, por um lado, o “povo puro”, em contraste a uma “elite corrupta”. Argumentando que esta é uma ideologia política de baixa densidade e pouco desenvolvida, caracteriza-se por uma adoção, por parte dos agentes populistas, de uma “ideologia hospedeira, que lhes confere mais substância”. Mudde (2017), anos mais tarde, afirma ainda, que o populismo é “simultaneamente entusiasta e inimigo da democracia”, uma posição que aponta para que o populismo tanto possa ser visto como uma ameaça para a democracia ou uma oportunidade para a sua melhoria (Pinto, 2017).

Taggart (2000, pp. 91-98), por sua vez, argumenta que “populists are often sure of who they are not rather than of who they are”. Compartilhando a mesma opinião de Mudde, destaca a valorização do povo, assinalando que é dessa posição que deriva o pensamento antielitista presente no populismo. Na prática, argumenta que a demonização dos grupos sociais, em particular, a antipatia em relação à elite, oferece aos populistas, não só um inimigo, como também sustenta a criação de uma componente crucial na tentativa de construção de uma identidade. De maneira a completar a sua visão, o autor, anos mais tarde, destacaria três características que podem ser consideradas como as principais no universo populista: o destaque para o centralismo no povo, a antipatia para com as elites e uma conceção particular de política, a qual o autor intitula de “unpolitics”⁸ (Taggart, 2018, pp. 79-87).

Por sua vez, Pinto (2017, p. 84) após uma análise e caracterização das várias abordagens realizadas em torno do conceito, defende a associação do termo populismo com a luta insistente pela hegemonia, “concebida, sobretudo, ou unicamente, na sua dimensão

⁷Com o crescente interesse em torno do conceito, acaba por ser considerada palavra do ano de 2017 pelo dicionário de Cambridge (Cambridge words, 2017).

⁸Unpolitics definido como “the repudiation of politics as the process for resolving conflict.” (Taggart, 2018, pp. 79-87).

política, uma visão bem mais redutora do que aquela que esteve na génese do processo”, tendo como foco a luta em prol e face às necessidades do povo. Nesta luta em nome do povo, o foco populista passa pela construção de uma identidade própria, uma vez que o povo é concebido como um corpo homogéneo que se vê obrigado a enfrentar um suposto opositor, também pretensamente homogéneo criado de forma a “assegurar a existência de antagonismo”. Pinto (2017) deixa ainda claro que o populismo não é uma ideologia embora recorra a elementos ideológicos. Aliás, Pappas (2013, pp. 29-30) quando desconstruiu três mitos sobre o populismo, começou logo por refutar que “populismo constitutes na ideology, even a “thin” one”.

Recentemente, face ao crescente interesse atribuído ao populismo, surgem outras posições que merecem destaque, nomeadamente, quando o populismo é utilizado como estratégia política. Kurt Weyland (2017, p. 8), reflete que esta estratégia consiste, na sua maioria, em determinar “the principal ways and means by which a political actor captures the government and makes and enforces authoritative decisions” o que, caso conte com uma liderança forte, não só torna possível um lugar seguro e estável no Governo, como, simultaneamente, assegura o apoio dos cidadãos.

No que diz respeito ao tipo de líder, Weyland (2017, p. 10) acrescenta que este deve ser carismático, lembrando que “populism, rests on personalistic leadership, seeks to boost its autonomy and power, and contests, pushes aside, or dominates other types of actors, such as elites factions and organized political parties”. O dom da palavra e a confiança que os mesmo transmitem tornam-se fulcrais para um bom desempenho e alimentam a liderança carismática.

No que diz respeito à tipologia, Pinto (2020, p. 37), na sua obra, explana duas vertentes distintas. Na primeira, e apoiada por com Kyle & Gultchin (2018), distingue populismos de carácter cultural⁹, do populismo socioeconómico¹⁰ e do populismo antissistema. Na segunda menciona que o *European Council on Foreign Relations*, através de Susi Dennison & Pawel Zerka (2019) opta por apresentar designações mais particulares, considerando que existem partidos populistas de extrema-direita, eurocéticos conservadores e partidos antissistema.

Mais tarde, Pinto (2021, pp. 68-80) regressa à análise das tipologias anteriores, refere novas tipologias e considera que já existe uma nova modalidade, o populismo digital ou 2.0 que

⁹Realizando uma ponte com a realidade francesa, esta pode ser entendida como a vertente defendida por Marine Le Pen.

¹⁰Por sua vez, o candidato de extrema-esquerda, Jean-Luc Mélenchon, atual líder do movimento França Insubmissa, pode ser associado a uma conduta mais direcionada ao populismo de natureza socioeconómica.

tem no movimento 5 Stelle (M5S)¹¹, o principal representante. Além disso, lança a hipótese que já está em curso um novo tipo: o populismo transnacional, uma modalidade que vai além da dimensão internacional. Um dado a ter em conta, por exemplo, no Parlamento Europeu, embora frise, que é um equívoco referir-se ao populismo como um todo, ou seja, não se deve simplesmente “adicionar os votos de todos os partidos populistas como se de uma entidade coletiva se tratasse”, uma vez que não se estaria a ir de acordo com a realidade (2020, p. 37). Isto é, ter sempre em conta que, ainda que sejam fundamentadas no mesmo termo, existem diferenças a ter em consideração, ou seja, características próprias, o que pode ser facilmente constatado, por exemplo, ao efetuar uma análise da representação populista no Parlamento Europeu.

Na verdade, as diferentes modalidades do populismo não são conciliáveis e não apenas por questões ideológicas. Aliás, o populismo 2.0, tipicamente associado ao Movimento 5 Stelle como já foi referido, não se considera, nem de esquerda nem de direita. Criado, em 2014, por Paolo Gerbaudo (2014), surge com o intuito de designar uma posição que “vê os *media* como meios para se dirigir ao “povo” no sentido da totalidade ou quase totalidade da comunidade política”. Esta é uma abordagem que, distinguindo-se das características usualmente associadas ao populismo tradicional, possui dois elementos essenciais, sendo estes o “sujeito ideal e a existência central¹²”. No que concerne ao populismo do Movimento 5 Stelle em particular, para além de se caracterizar pelas vertentes anti imigratórias, segue um modelo antissistema que, sendo facilmente difundido, face à sua rapidez de partilha de mensagem através das novas tecnologias, chega a todas as classes, designadamente à classe média que, ao apresentar receios de descer na hierarquia social, tende a ser mais influenciável e propícia a seguir tais ideias (Pinto J. , 2020, pp. 158 - 164). Esta inovadora ligação com os *media*, não só acelera o processo de divulgação, como possibilita uma nova e facilitada adesão, tanto de novos militantes, como de movimentos com ideais que sigam a mesma tipologia.

Crescendo, na sua maioria, em tempos de crise, importa enaltecer a ameaça que se tem vindo a introduzir nos órgãos da União Europeia. Face à participação populista aquando dos projetos desenvolvidos nos órgãos em que desempenham funções, Brack (2012, p. 158) desenvolve uma tipologia que analisa o seu posicionamento, dividindo-os em três níveis

¹¹Surgindo em 2009, este é um movimento autodefinido como um não partido italiano, liderado por Beppe Grillo;

¹²De acordo com Pinto (2020, pp. 161-162), o sujeito acaba por ser representado por aqueles que foram deixados de lado: “as vítimas da exploração perpetrada pela elite económica com anuência da elite política”. No que diz respeito à existência central verifica-se “uma transferência da democracia interativa” onde se torna inovador a utilização do *like* como voto.

distintos. Em primeiro lugar, e numa posição mais imparcial, surgem os designados como absentistas, ou seja, os que não desafiam a legitimidade do Parlamento Europeu. Numa posição oposta, surgem os pragmáticos, que se distinguem pelo seu maior envolvimento no trabalho e decisões tomadas. O terceiro e último nível acaba por ser ocupado pelos intermediários, uma posição, como o próprio nome indica, que se encontra entre os restantes níveis, sendo associados a características como “oradores públicos” uma vez que focam o seu mandato no “discurso público e a disseminação de informação negativa sobre a EU e a integração europeia”.

Se, para alguns autores, este é um tema que se torna, progressivamente, numa ameaça para todas as instituições democráticas, para outros, acaba por ser uma questão de perspetiva.

Mudde (2017), defende que o populismo não deve ser categorizado como algo bom ou mau para um sistema democrático, dependendo sim do poder eleitoral e do contexto em que este aparece. Só após esta análise se torna possível atribuir tal apanágio. Em adição, Chantal Mouffe (2014), coloca de lado a visão negativa do fenómeno, enaltecendo que “there is a certain necessity for populism in democratic politics”, sendo que esta deve ser considerada como uma forma/meio de fazer política.

Importa dizer que Mouffe defendeu publicamente que era importante apostar no populismo de esquerda para controlar o avanço do populismo de direita. Dito de outra forma: na sua visão, há um populismo bom, o socioeconómico, e um populismo mau, conotado com a extrema-direita.

I.II. Política Externa

Os séculos XIX e XX marcam uma grande alteração no ambiente político mundial e, como tal, na política externa dos principais países. Possuindo como pilar fundamental a ambição de construir e manter uma harmonia entre Estados, a política externa, como subdisciplina das relações internacionais, apesar de não possuir uma única definição consensual (Freire & Vinha, 2011, p. 16), espelha, na sua essência, a forma como os Estados, assim como os demais atores internacionais, exercem e desenvolvem o exercício da política em panoramas externos. Distinguindo-se da política internacional¹³, comumente utilizada de forma incorreta

¹³Baseando-se na análise das relações políticas, tem como maior foco o estabelecimento da paz internacional.

como sinónimo de política externa, este é um conceito que se tornou tipicamente louvado como uma “área especial”, no que diz respeito à ação dos Estados (Sousa, 2014, pp. 110-131).

Na sua conceção mais tradicional, política externa define-se pela abordagem e desenrolar de políticas entre países (Breuning, 2007). Joseph Frankel (1963, p. 231), algumas décadas antes, já defendera esta conceptualização do tema, referindo-se à mesma como: “decisions and actions, wich involves to some appreciable extent relations between one state and others”, o que torna perceptível, desde muito cedo, um interesse comum em desenvolver relações favoráveis com os demais países. Por sua vez, George Modelski (1962, p. 7) atreve-se a ir mais longe na sua caracterização da temática, acrescentando que este é um conceito que se denomina, fundamentalmente, num “system of activities involved by communities for changing the behaviour of other states and for adjusting their own activities to the international environment”, o que torna imprescindível que a própria ação política se debruce, não só sob a ambição de obter resultados favoráveis para a sua realidade política a nível interno, como também na tentativa dos intervenientes aperfeiçoarem possíveis decisões futuras, para que estas se encontrem o mais equilibradas possível.

Tendo em conta esta ambição e necessidade de estabelecer relações para que se viva uma dinâmica internacional plena, importa dizer que a definição do conceito não é consensual, embora exista elementos comuns. Dito isto, na base da política externa, encontram-se características que a dirigem e que se tornam subjacentes, nomeadamente, o facto de abarcar um conjunto de intenções, afirmações e ações associadas, que implicam um número extenso de atores, que representam um país e uma nação. Esta representatividade, tanto a nível interno como externo, torna fulcral uma gestão suave e precisa dos contextos e interesses de ambos os atores envolvidos (Neack, 2008; Freire, 2011).

Face esta necessidade de criar relações otimizadas, enaltece-se a liderança necessária para que tudo decorra nos parâmetros esperados, liderança esta que é desempenhada pelo corpo diplomático de cada país. Apesar de, na maioria dos casos, transmitirem decisões previamente discutidas e estabelecidas a nível governamental, acabam por ser quem torna possível um diálogo estável, para além de um ambiente seguro para a sua aplicação, fruto da burocracia. Vivendo uma realidade política instável onde as organizações de cariz burocrático, em conjunto com pequenos grupos que se vão manifestando significativamente no processo de decisão da política externa, se afirmam como elementos importantes, torna-se fulcral a boa relação entre os membros do corpo diplomático e os líderes nacionais. Com esta realidade envolvendo um

grupo tão variado de intervenientes e não tentando desvalorizar a noção de liderança dos representantes máximos dos Estados, uma vez que estes são os que moldam o modo como é realizada a política e o inevitável comportamento dos Estados face à política que se desenrola para além das fronteiras do país, Maria Raquel Freire afirma que, para que tais sejam bem sucedidas, torna-se necessário que grande parte das decisões sejam tomadas numa realidade e ambiente organizacional. Dito isto, a autora realça, que embora sejam os dirigentes quem possui a última palavra e o poder de decisão, acaba por ser a “burocracia que decide como se deve proceder”, afirmando-se assim como atores vitais no estudo da toma de decisões (Freire, 2011, pp. 25-30).

Talvez seja importante frisar que na tomada de decisão também deverão ter tidas em conta as crenças porque como Walker e Schafer (2018) sublinham na sua obra, as crenças populares constituem um dos aspetos mais importantes no seio das sociedades, independentemente do país.

Enaltecida a complexidade como característica dominante ao desenvolver políticas de cariz externo, torna-se imprescindível identificar cenários e tipos de desafios às quais a política externa está diretamente ligada e encarregue. Estes cenários, de acordo com Mintz e DeRouen Jr (2010, pp. 15-16) desenrolam-se em quatro tipos/categorias distintas. Numa primeira instância, as decisões singulares que, embora raramente utilizadas, devem ser aplicadas em momentos onde exista uma necessidade de colaboração com outros atores relevantes e com conhecimento em áreas específicas. Por sua vez, e reservadas a momentos onde exista uma interação e envolvimento de, no mínimo, dois atores, surgem as denominadas decisões estratégicas interativas, apoiando-se na aptidão de “make decisions that affect and are affected by the other player’s decisions”. Numa terceira categoria surgem as decisões sequenciais que, como o próprio nome indica, se desenrolam numa sequência de decisões que se encontram interrelacionadas. Esta nova abordagem e caracterização envolve, a título de exemplo, “a series of unrelated decisions, such as whether to attack Iraq, occupy Iraq, increase or decrease troop levels, whether to withdraw or to stay, and, finally, when operation should end”. Por fim, e surgindo em momentos mais pontuais, como em momentos em que se denota uma corrida pelas armas, surgem as designadas decisões sequenciais interativas. Condicionada pela interação de, mais uma vez, um mínimo de dois atores, os autores utilizam um paralelismo com o xadrez para a sua melhor compreensão, retratando este tipo de decisões como um jogo de “strategic

and sequential interaction as one player's move affects the other player's move that affects the other player's as well as her own subsequent moves".

Cap. II – Política Francesa

II.I. Análise dos Programas de Governo

Com um panorama político peculiar, as discrepâncias entre os oponentes franceses são incontestáveis. Por um lado, um Presidente liberal motivado pelos seus argumentos pró União Europeia, em oposição a uma candidata populista, que começou por ser antissistema e hoje é cultural ou identitária, apoiante da ascensão francesa a solo. De facto, a política francesa depara-se com uma realidade extremamente complexa: a permanência na União Europeia e uma maior cooperação com a mesma ou, a realização de um referendo que conduzisse o país a um “Frexit”, ou seja, a saída, de forma permanente, da França da estrutura da UE, em semelhança ao que se sucedeu com o Reino Unido¹⁴.

Com escassos pontos de interseção entre os principais candidatos, as ideias e propostas defendidas em ambos os programas de Governo apresentados, não poderiam ser mais divergentes. Marine Le Pen, precursora do lema “a voz do povo, o espírito da França” apresentou, em 2017 um programa extenso, 144 medidas que, apesar de se estenderem pelas mais diferentes áreas da sociedade, se focavam de, forma exponencial, na ambição de regular a política social e fiscal do país que, segundo a mesma, empobreceu a classe média em benefício das multinacionais, que foram enriquecendo às suas custas (Rassemblement National, 2017, p. 2). Assinalava, de forma crítica os problemas decorrentes das ondas migratórias¹⁵ descontroladas e que acabam por “esbanjar o dinheiro público”, colocando em causa o esforço e trabalho do povo francês. Como reforço, apontava ainda um restauro, que, segundo a mesma, se tornava imprescindível, face à realidade vivida, dos órgãos de segurança, o que culminaria num rearmamento das forças militares em grande escala.

Esclarecida a posição sobre a questão migratória, Marine Le Pen apontava para uma revisão da Constituição francesa, reforçando o desejo de criar uma “França livre” e “próspera”. De modo a alcançar tal aspiração, ocorreria o regresso à moeda nacional, o franco¹⁶, outrora utilizado. Com este novo sistema seria privilegiada a ajuda às empresas nacionais, reduzindo taxas de juros, ao mesmo tempo em que se estabelecia novos padrões financeiros, tornando possível que as finanças públicas voltassem a estar estabilizadas. Para tal ser possível, exaltava

¹⁴Após o referendo realizado a 23 de junho de 2016, a saída definitiva do Reino Unido da UE deu-se às 23 horas (hora de Portugal continental) do dia 31 de janeiro de 2020 (Portal diplomático, s.d.).

¹⁵Aposta na suspensão de toda a imigração, restaurando o controlo das fronteiras e limitando o número a 10.000 pessoas por ano (Rassemblement National, 2017, p. 6).

¹⁶Unidade monetária utilizada por países como a França e a Bélgica antes da introdução do euro.

a necessidade de um aumento do orçamento público para, por exemplo, na área da pesquisa valores que rondassem os 30%, promovendo o setor em questão e potencializando novas ideias de estratégia e inovação.

Na sua faceta mais nacionalista, para além da aposta no franco, como já foi referido, inúmeras medidas foram apresentadas, como a obrigatoriedade da bandeira nacional em todos os edifícios públicos, eliminando a utilização da bandeira da UE. Aposta numa capacidade de defesa autónoma em todas as áreas, deixando o comando militar integrado da NATO¹⁷, uma vez que não pretendia ser “arrastada” para “guerras que não são dela”. Pretendia ainda uma restauração do controlo das fronteiras nacionais, o que implicava que o sistema de fronteiras abertas, estipulado no acordo de Schengen¹⁸, fosse suprimido, sendo assim necessário recorrer à nomeação de um elevado número de funcionários alfandegários para controlo de todas as possíveis entradas em território nacional.

A par do desenvolvimento interno, as suas medidas passavam por impulsionar exportações e amplificar o valor nacional, recusando tratados de livre comércio e facilitando um acesso à propriedade enquanto transformaria a política agrícola comum (PAC)¹⁹ numa política agrícola francesa culminando numa proibição de certas importações de produtos agrícolas e alimentares de países terceiros. De modo que as contratações sejam mais ponderadas e condicionadas, em prol do povo francês, propôs um novo imposto que seria aplicado em momentos de contratação de estrangeiros.

Sublinhando a importância de igualdade, começando numa remuneração equilibrada e estendendo-se ao campo da saúde e educação, sugeriu um reforço das habilitações dos jovens, para que não fosse necessário recorrer a qualquer tipo de ajuda estrangeira. Para tal, “restaurando a verdadeira igualdade de oportunidades”, apostava numa implementação de uniformes a nível nacional, para que houvesse uma perceção geral de igualdade, o que, segundo a própria, possibilitaria uma possível redução da taxa de delinquência na população mais jovem. No patamar universitário, as suas medidas focavam-se em estabelecer cursos de excelência, mais uma vez, para anular a necessidade de exportação de mão de obra qualificada, prometendo

¹⁷Para mais informações sobre a relação da França e a OTAN ler: Moreira, A. (12 de agosto de 2008). A França e a NATO. Diário de notícias. Obtido de: <https://www.dn.pt/arquivo/2008/a-franca-e-a-nato-1127541.html>.

¹⁸“Suprimir as fronteiras, garantir a segurança e criar um clima de confiança demorou muitos anos após duas guerras mundiais devastadoras” (Comissão Europeia, s.d.).

¹⁹“Criada em 1962, a política agrícola comum (PAC) é uma parceria entre o setor agrícola e a sociedade e entre os agricultores europeus e a Europa” (Comissão Europeia, s.d.).

estágios mais acessíveis para que “cada um encontre o seu lugar” (Rassemblement National, 2017, pp. 3-23).

Em oposição aos ideais defendidos pela candidata conotada com a extrema-direita surgiu Emmanuel Macron, o Presidente francês mais jovem de sempre²⁰²¹. Jovem e com ideias inovadores, a pressão e ambição tornaram-se claras desde o momento em que o seu nome foi associado ao Partido Socialista²² nacional, muito antes de se agregar ao então novo movimento político, o “Em Marcha”²³ (BBC news, 2017). Europeísta assumido, iniciou o seu discurso de vitória, após vencer a segunda ronda eleitoral a 7 de maio de 2017, com o Hino da Alegria como música de fundo, o que não podia passar em vão, uma vez que este também é conhecido como hino da União Europeia²⁴, reforçando assim a sua ambição e foco em fortalecer e regenerar os laços políticos com a UE (La République en Marche!, 2017).

Tendo sempre presente a sua vertente mais ambiciosa, deve-se referir os esforços para uma nova parceria com o Governo alemão, discutida ainda durante a campanha eleitoral e que, apesar de não ter obtido a finalidade desejada²⁵, apenas reforçou a ambição de, como o mesmo declarou, obter “more commonalities at the heart of Europe. A heart that works much more towards integration than today” (Macron, 2020).

Possuindo um historial político relativamente reduzido, apenas complementado pelo cargo de assessor do Presidente François Hollande e de um mandato de dois anos como Ministro da Economia (2014-2016), Emmanuel Macron apresentou um programa menos denso do que Marine Le Pen, com cerca de 96 medidas. Distribuídas em seis projetos distintos, o seu foco dirigia-se para a renovação e igualdade nos mais variados setores, assumindo o intuito claro de criar uma democracia renovada, um país mais seguro e próspero, reafirmando o orgulho francês e prevendo a realização de uma modalidade nova de parcerias com os restantes países pertencentes à União Europeia.

O primeiro grupo de medidas apresentadas surgiu direcionado à educação e cultura, presidindo a vontade de assegurar oportunidades iguais para todas as crianças,

²⁰Nascendo a 21 de dezembro de 1977, entra no poder com apenas 39 anos.

²¹Antes do presente feito, o recorde pertenceu durante 170 anos a Luís Napoleão Bonaparte que chegara ao poder aos 40 anos de idade, mais concretamente, em 1848 (Ferrerberg, 2017).

²²*Parti Socialiste*, usualmente associado a nomes como o de François Hollande, antigo Presidente francês.

²³Do francês “En Marche!”, define-se por um grupo que não pode/deve ser associado nem como sendo de esquerda nem como de direita.

²⁴Algo que repetiu em 2022, desta vez acompanhado por jovens e crianças.

²⁵Associada à falta de acordo coloca-se em causa a não resposta por parte do Governo alemão, atitude esta que levantou inúmeras críticas dirigidas à então Chanceler Angela Merkel (Kempin, 2021).

independentemente das suas origens, apontava para uma redução necessária do número de alunos atribuídos a cada professor, pois só assim os resultados seriam alcançados. Por sua vez, e como uma das medidas mais controversas do seu programa, apostou na proibição de equipamentos, como telemóveis, entre crianças no perímetro escolar.

No que diz respeito à sua aposta na cultura nacional, refira-se, a título de exemplo, a implementação de um passe cultural para todos os jovens quando alcançam a idade de 18 anos, possibilitando novas oportunidades e descobertas que, sem este incentivo, muito provavelmente, não seriam descobertas.

No setor da economia, visava que se economizasse o máximo possível no orçamento, para que fosse possível uma redução do défice, assim como uma revisão detalhada da Lei do Trabalho, obrigatória para permitir que as empresas negociassem sob as melhores condições de trabalho possível, criando empregos “francos”, como o próprio referiu no documento partilhado, impulsionando a contratação de residentes de bairros vistos como prioritários estando em causa um bónus monetário pela contratação dos mesmos. Para além dos incentivos, a idade de aposentadoria mantinha-se, ou seja, os já estipulados 62 anos²⁶, possibilitando ainda uma flexibilidade às empresas para que todas as horas extras realizadas e necessárias ficassem isentas de certas contribuições.

Sendo a política externa um tópico fundamental para a identidade nacional francesa, surge, como ponto mais discrepante entre ambos, o fator Europa. Enaltecido por uns como um dos pontos mais fracos e de pouco conhecimento de Macron, em parte, graças à sua pouca idade²⁷ e reduzida experiência política, a verdade é que este se tornou o ponto chave da sua revigoração política²⁸ após ser eleito como Presidente (Rapnouil & Shapiro, 2017, p. 2).

Defensor de uma renovação europeia que seja o mais justa para todos os intervenientes, ao longo do seu programa refere uma insistência suplementar às regras já existentes relativas ao Mercado Único da UE, fundamentado nas negociações do Brexit, defendendo uma aplicação completa e rígida a todos os parceiros comerciais. Em adição, a promoção de acordos relativos ao livre comércio para além-fronteiras europeias era outro dos pontos realçados ao longo da sua

²⁶Medida que se altera em 2022, ao apresentar, no seu programa eleitoral, a ambição da adoção da marca dos 65 anos para obtenção de reforma.

²⁷De realçar que chega ao seu segundo mandato como Presidente francês, antes da marca dos 45 anos.

²⁸“Política externa catapultada popularidade de Macron na França” (Bercito, 2018). Assim se intitulavam as notícias, enaltecendo a nova aspiração política associada a Emmanuel Macron²⁸ e que ajuda a impulsionar a sua popularidade, que outrora parecia perdida, tanto no seu contexto nacional como internacional, um ano após a sua entrada no *Palais de l’Élysée*.

enumeração de medidas enaltecendo o CETA²⁹, acordo entre a União Europeia e o Canadá, juntando-se assim às negociações já existentes e correspondentes ao TTIP³⁰31.

Lado a lado com as questões europeias surgem as preocupações com os movimentos migratórios. Com o decorrer dos últimos anos, antes mesmo da presidência de Macron, várias têm sido as premissas que, até à data, se apresentavam como básicas, e que sustentavam o campo da política de segurança e defesa em França, o que fez com que merecessem um interesse particular. Fruto de uma atualização interna em 2017, com a *Revue stratégique*³² que acabaria sendo complementada em 2021³³, ficava sustentada a sua promessa de “tolerância zero” face a crimes de cariz terrorista. O seu plano passava assim por um reforço generalizado das fronteiras, assim como uma aposta na criação de novos cargos que possibilitassem um maior recrutamento de polícias e que acabasse por se traduzir na contratação de 5000 novos guardas. Como complemento a este controlo, sublinhava a necessidade de ser fluente na língua francesa para obtenção da nacionalidade.

Dito isto, e analisando o estudo realizado pela Euronews, através da plataforma “Alceste”³⁴, destaca-se, no programa de Emmanuel Macron, cinco grupos centralizados, repartindo-se pelo campo da cultura, Europa, igualdade de género, impostos e trabalho, sendo que este último se destacava. No caso de Marine Le Pen a realidade apresenta-se mais homogénea realçando-se três temas, sendo o primeiro o país e a sua defesa, o investimento e o trabalho.

Quatro anos após a vitória de Emmanuel Macron, em pleno ano de 2022, a história repetiu-se. Após uma primeira volta renhida, onde se apresentaram 12 candidatos, os resultados voltaram a indicar Macron e Le Pen como os candidatos à segunda volta das eleições³⁵36. De acordo com os dados divulgados pelo Ministério do Interior francês, ambos os candidatos

²⁹Acordo que “visa dismantlar barreiras pautais e não pautais ao comércio e ao investimento” (Direção geral das atividades económicas, s.d.).

³⁰Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento, do inglês, *Transatlantic Trade and Investment Partnership*. Para mais informações consultar: <http://trade.ec.europa.eu/doclib/press/index.cfm?id=1230>.

³¹Até à data, nenhum dos acordos se encontra em vigor.

³²Revisão estratégica de defesa e segurança nacional, publicada a 13 de outubro de 2017, tendo como ambição melhorar a capacidade militar francesa (Ministério da defesa francês, 2017).

³³Para mais informações consultar: Ministério da defesa francês, *Actualisation stratégique 2021*, 10 de fevereiro 2021, <https://www.defense.gouv.fr/dgris/presentation/evenements/actualisation-strategique-2021>.

³⁴Software que se baseia na análise de dados.

³⁵A primeira volta das eleições presidenciais em França, encerra-se com 27,84% dos votos para Emmanuel Macron, em oposição a Marine Le Pen, que obtém 23,15%, comprovando as inúmeras sondagens que apontavam para resultados extremamente renhidos.

³⁶Para uma melhor compreensão dos resultados da 1ª volta, consultar: <https://www.theguardian.com/world/ng-interactive/2022/apr/10/french-election-2022-projected-result-and-latest-results>.

apresentavam uma melhoria significativa no que diz respeito a votos e a reta final da campanha eleitoral acabaria por se destacar, mais do que nunca, pela incerteza.

Estando a viver uma realidade totalmente diferente à vivida em 2017, com a Europa a enfrentar uma guerra³⁷ com consequências que vão muito além das geopolíticas, importa salientar o posicionamento adotado por ambos os candidatos. Le Pen, após ter deixado de lado alguns dos posicionamentos que defendera em 2017, nomeadamente, no que diz respeito à sua vontade de abandonar a zona Euro, continuou a deixar muito clara a vontade de colocar a lei francesa antes das regras europeias. Em oposição, e após quatro anos de presidência sem algo muito relevante a salientar, Macron continua a apostar na realidade europeia.

³⁷Para um melhor entendimento do conflito entre a Rússia e Ucrânia, consultar: <https://news.stanford.edu/2022/01/06/understanding-russia-ukraine-crisis/>.

Cap. III. Extrema-direita em França

“Though formal definitions or derivations based on the history of ideas largely failed to provide a convincing concept for “right-wing extremism”, research work on political parties has not had serious problems in selecting appropriate cases.” (Beyme, 1988)

Ao iniciar o presente capítulo importa distinguir dois conceitos que são, de forma incorreta, utilizados frequentemente como sinónimos: direita radical e extrema-direita. Na conceção de Mudde (2007), direita radical, estrutura-se através de três pilares centrais: o nativismo³⁸, o autoritarismo³⁹ e, por fim, o populismo⁴⁰, expressando-se, na sua maioria, “na defesa de uma política plebiscitária, na personalização do poder e na primazia do político”. Não devendo ser confundida com a direita fascista presente no século XX, que também se caracteriza pela sua vertente nativista, autoritária e populista, Piero Ignazi (1992) aponta que estes novos partidos, apesar de partilharem alguns traços, rejeitam, de forma total, qualquer tipo de herança da experiência fascista entre guerras.

Por sua vez, quando o assunto é a extrema-direita, a realidade é diferente. Ricardo Marchi (2019), aponta os partidos de extrema-direita como os que se auto proclamam como defensores de uma realidade antissistema, tendo por base o desejo de “abater o sistema democrático através de processos subversivos e/ou revolucionários, que incluem também a violência”, contrapondo-se ao programa de direita radical que “aceitam as regras do jogo democrático”, nunca tendo em mente a destruição do mesmo, apenas a sua adaptação.

Usualmente distinguidos dos demais partidos e movimentos pelo seu cariz e abordagem diferenciada, independentemente da sua posição no espectro político, os partidos extremistas têm vindo a alcançar conquistas sonantes num amplo leque de países europeus. Afirmando a sua relevância, reforçada pelas vitórias pontuais no panorama político atual, torna-se imprescindível o estudo da sua evolução ao longo das últimas décadas o que, graças aos seus inúmeros estudos e publicações associadas, os coloque no primeiro lugar na corrida ao “best studied party family within political science” (Mudde, 2016, p. 4).

³⁸“(…) Estados devem ser habitados exclusivamente por membros do grupo nativo” (Mudde, 2007, p. 22).

³⁹“(…) crença numa sociedade estritamente ordenada, na qual as infrações à autoridade devem ser punidas severamente.” (Mudde, 2007, p. 23).

⁴⁰Ideologia que considera a sociedade como estando separada em dois grupos homogéneos, “o povo puro” em oposição à “elite corrupta” (Mudde, 2007, p. 23).

No que diz respeito à sua vertente mais histórica, começa-se por destacar, numa primeira instância, o início do século XX. Após o final da 1ª Guerra Mundial, com uma sociedade fragilizada surgem novos regimes, fazendo-se notar, num primeiro instante, através de nomes como Mussolini na Itália (1933), Salazar em Portugal (1933), Franco em Espanha e Hitler na Alemanha (1933), caracterizados pelo seu cariz autoritário. Afirmando-se assim, de forma progressiva, nas vertentes nacionais de cada país, até ao ponto de se tornar crucial em momentos de disputa e negociação com os restantes Estados envolvidos, possibilita que o caminho traçado pela extrema-direita europeia se torne num dos mais completos e conturbados processos políticos até à data em parte, graças à nova conotação atribuída ao termo populismo fruto do sucesso eleitoral de partidos relativamente novos nos sistemas parlamentares europeus (Marchi, 2018, p. 9).

Propagando-se um pouco por toda a Europa, as obras e comentários associados acabam por se tornar inevitáveis. No seu livro de 1988, Klaus von Beyme, não se mostra indiferente, assinalando o progresso atingido como um feito histórico. Referindo e analisando, ao longo da sua obra, a clara ascensão das mais variadas tipologias partidárias, torna-se necessário uma melhor categorização e explanação do seu progresso. Conhecido pela sua abordagem do conceito e evolução dos partidos ditos como de extrema-direita, o professor alemão, utiliza um esquema simples que não só examina, como descreve a divisão do progresso e desenvolvimento político, na Europa Ocidental, no período exatamente após o final da II Guerra Mundial.

Seguindo um desenrolar cronológico direto, as três ondas apresentadas por Klaus von Beyme, completam-se de forma natural, tornando-se quase impossível eleger uma como a mais homogénea. Destacando-se pela sua similaridade entre países, a primeira onda diz respeito ao período imediatamente a seguir à II Guerra Mundial. Caracterizada pela tentativa de resistência autoritária e totalitária, após a pesada derrota, o ano de 1945 representa um marco importante e pragmático na história do extremismo de direita na Europa. Dito isto, esta primeira onda, pode ser elucidada como a herdeira direta do ideal nazi.

Por sua vez, no que diz respeito à segunda onda, Beyme (1988, p. 10) esclarece como sendo um resultado direto das “novas ondas de privação social” que se sentiam. Assim, identifica como membros desse grupo, elementos da dita “pequena-burguesia” que se opõem, por exemplo, ao aumento dos impostos.

Estas primeiras duas fases, ao serem apresentadas de forma tão genérica, tornam difícil uma separação cronológica mais precisa, ao contrário da terceira que, em oposição, segue um crescimento sustentado e evolutivo numa vasta lista de países com o decorrer do novo século.

Por sua vez, na sua abordagem à forma como o estudo destes partidos tem evoluído, Cas Mudde (2016, pp. 5-7) categoriza a primeira vaga como a vertente mais histórica e descritiva da realidade europeia no período do pós-guerra, associando-se assim ao período que se compreende entre os anos de 1945 e 1980. Com poucas obras escritas por especialistas, a análise, até então, desenvolvia-se graças a historiadores interessados nesta nova abordagem política, o que a torna pouco rica e difícil de analisar. Em contrapartida, e decorrendo entre os anos de 1980 a 2000, a denominada segunda onda é associada, na sua maioria, à “infusion of social science literature”, algo que, segundo Mudde, se destaca pelos contornos evolutivos em comparação aos desenvolvidos no decorrer da primeira onda, possibilitando uma modernização geral das teorias, algo que não acontece com tanta clareza na primeira. Com uma afluência crescente de estudos o objetivo passa por identificar como decorre o processo da sua aplicação e em que cenários são bem-sucedidos.

Testemunhando-se uma transição clara do poder, ao passar, como figura política, de “merely a dependent variable into (also) an independent variable”, surge, com o início do século XXI uma nova variante de estudo que pode ser associada como o elemento-chave que faltava para um maior sucesso (Mudde, 2016, p. 6). O foco, outrora direcionado para a explicação e análise da crescente afluência e impacto dos partidos em questão, passa para um estudo pormenorizado dos possíveis efeitos e desfechos decorrentes de tal afirmação no ambiente político europeu (Williams, 2006). Alcançando proporções notórias face às duas primeiras, a terceira onda, associa-se ao reconhecimento do alcance de um novo patamar político, sendo referida como “the most successful period in both the electoral and ideological sense for such parties in almost every West European country”⁴¹⁴².

No que concerne à evolução destes partidos Betz (1998, p. 1), distingue na mais recente onda três aspetos face às anteriores: “first, the extent to which various right-wing parties and movements have successfully established themselves within roughly the same time span in a substantial number of Western democracies; second, the extent to which they have managed

⁴¹Para complemento, consultar Suleiman 1995 e Taggart 1995.

⁴²Para além do Rassemblement National de Marine Le Pen, países como Itália, com a Alleanza Nazionale (Aliança Nacional), ou o Vlaams Blok (Flemish Blok) dos Países Baixos.

to influence the political discourse on a range of significant sociocultural and socio-political issues; and third, the extent to which they have succeeded in gaining significant political offices and positions”.

Independentemente das abordagens defendidas, importa salientar que a denominada terceira onda deste extremismo de direita, constitui um fenómeno inovador e, por isso, deve ser distinguida de forma analítica das restantes vertentes de extremismo seguidas no período pré-1980 e que, em oposição às duas primeiras, representa, acima de tudo, “uma genuína renovação da direita radical” (Melzer & Serafin, 2013).

Num estudo e abordagem mais recente, Matthew Goodwin, coloca como possibilidade uma imprevisível, mas necessária⁴³, quarta fase, impulsionada pela crise financeira que deflagrou por todo o mundo em 2008⁴⁴ e que, segundo o mesmo, recicla “interpretations of the rise of historic fascism” (Goodwin, 2019).

Por sua vez, Anders Widfeldt (2010, pp.7-9), defensor de uma abordagem diferente dos restantes, refere-se à utilização de fases como algo meramente descritivo a nível cronológico e não a uma categorização ideológica necessária para a sua compreensão, utilizando a Dinamarca como caso de estudo. Além disso, num ponto de interligação com Goodwin, menciona também uma quarta fase, caracterizando-a como uma nova realidade política, uma vez que existe um aumento da legitimidade e influência destes mesmos partidos, descrevendo esta fase como: “characterised by increased legitimacy and political influence for extreme right parties. As shown by the illustrative example of Denmark, the fourth phase has far-reaching potential political and societal consequences”.

Neste ponto, importa dar conta da realidade francesa que, no imediato pós-guerra, sofreu uma forte retração. Com a vitória dos Aliados, a crítica à extrema-direita surge de forma natural, acabando esta por se ver reduzida a grupos clandestinos (Rioux, 1991). A segunda onda, por sua vez, caracteriza-se pela predominância de um modelo específico, o *pujadismo* francês⁴⁵⁴⁶. Com as inúmeras alterações económicas sentidas em França, no princípio da década

⁴³Estando face a uma realidade política totalmente diferente das vividas nos últimos anos, uma nova perceção e análise das condutas utilizadas pela extrema-direita torna-se necessária.

⁴⁴Iniciando-se face às ondas de especulação do ramo imobiliário nos Estados Unidos, descreve-se como uma espécie de “bolha”, fruto do aumento de forma abusiva dos valores dos imóveis em questão, acabando por se propagar a um número muito elevado de países..

⁴⁵Estando no ativo entre o ano de 1953 e 1958 este foi um movimento político sindical criado por Pierre Poujado que condena o parlamentarismo e reivindica a defesa dos comerciantes (Bouclier, 2006).

⁴⁶Beyme admite que estes não devem ser caracterizados como extremistas e “most of these movements remained so closely connected with the conservative that they could be absorbed easily by it” (Beyme, 1988, p. 10).

de 1950, surgem contestações da classe média que, sentindo-se sem representação, cria em 1953, a União dos Comerciantes e Artesões (UDCA)⁴⁷ que rapidamente se difunde. Afirmando-se como anticapitalista e antiparlamentar, acaba por atrair novos nacionalistas radicais como o então jovem Jean-Marie Le Pen. Apesar do sucesso inicial, a falta de apoio de certas regiões francesas faz com que o *pujadismo* francês não sobreviva às divisões que acabariam por se suceder. Por fim, a terceira, e mais recente vaga, fica marcada pelas sucessivas crises socioeconómicas que Beyme (1988, p. 11) classifica como fruto do “desemprego e xenofobia no fim de um longo período de prosperidade”. Esta nova vaga de xenofobia acentua-se com os fluxos migratórios o que, no discurso da extrema-direita e do RN culmina na defesa dos verdadeiros franceses e num consequente discurso de marginalização social das minorias em nome do respeito da identidade nacional.

Embora recusando sempre todas as críticas de xenofobia que se abatem sobre o partido, importa dizer que um elevado número de estudiosos do partido considera que de facto o seu discurso populista identitário tem um conceito de povo que não engloba todos os cidadãos franceses.

III.I. História do Rassemblement National

Fundada a 5 de outubro de 1972, o partido atualmente designado de Rassemblement National, apresenta-se ao povo francês, numa primeira instância, utilizando o nome *Front National pour l' Unité Française* que, mais tarde, se adapta e deixa cair parte do mesmo, passando a ser intitulada como *Front National*, até ao dia 1 de junho de 2018, data em que se reformula oficialmente e passa a adotar o nome empregue nos dias de hoje.

Com novas relações criadas entre os apoiantes dos grupos *Occident*⁴⁸ e da *Ordre Nouveau (ON)*, que se regiam por um programa semelhante, dá-se uma transição que vai ganhando estabilidade e apoio notório por parte dos franceses, acabando por culminar, anos mais tarde, na criação da Frente Nacional.

⁴⁷Focando-se num discurso antipolítico, já direcionado às elites, este é um movimento que possui uma caracterização mais populista e não tanto fascista.

⁴⁸Fundado e comandado por estudantes das mais variadas cidades de renome francesas, que ambicionavam uma abordagem política nova, em oposição ao Governo de Charles de Gaulle. Sendo associado a várias polémicas, nomeadamente, de cariz violento, o grupo acaba por ser considerado ilegal.

No que diz respeito aos homens que lideram o processo de formação da Frente Nacional, destaca-se François Duprat, referido por vários autores como “*L’homme qui inventa le Front National*”, e que se notabiliza pela sua ligação, desde muito jovem, a todos os movimentos de extrema-direita que se formaram durante a V República, incluindo os de ideologia neonazi⁴⁹. No que diz respeito ao cariz intelectual e militante, destaca-se a sua simpatia singular por manifestações violentas e a sua vontade de conhecer outros movimentos com características semelhantes, o que o levou a viajar pelo mundo com o intuito de criar alianças, dado o nível do seu interesse por grupos nacionalistas. O seu legado fica assim marcado pelo seu discurso nacionalista⁵⁰, antiamericanista, antissemítico, anticomunista, destacando-se ainda a sua aversão ao multiculturalismo e à ascensão da globalização e, claro, pela sua esperada abordagem à imigração, a qual demonstra a sua aversão (Lebourg & Beauregard, 2012).

Lado a lado com Duprat, destacam-se ainda nomes como François Brigneau⁵¹, que em parceria com Pierre Bousquet⁵², Roger Holeindre⁵³, Jean-François Galvaire⁵⁴, Victor Barthèlemey⁵⁵, Ronald Perdome⁵⁶, Alain Robert⁵⁷, Pierre Durand⁵⁸ e a figura emblemática, Jean-Marie Le Pen. Enumerando estas personalidades, encontramos quem realmente sustentou esta nova abordagem, adotando e seguido um conjunto de elementos de várias ideologias⁵⁹ e crenças similares às já existentes utilizadas em território francês, mas adaptando novos elementos que lhes pareceram mais favoráveis.

Igualmente importante foi a inspiração clara no modelo seguido pelo Movimento Social Italiano (MSI)⁶⁰.

⁴⁹Destaca-se, em 1958, a sua filiação à *Jeune Nation* (Jovem Nação), que se evidencia pela sua vertente nacionalista.

⁵⁰Após várias décadas, a abordagem nacionalista revolucionária defendida por Duprat continua a estar e a representar um papel influente no novo discurso da RN, desta vez por voz de Marine Le Pen.

⁵¹Cofundador da FN, destaca-se pelo seu papel como primeiro Vice-Presidente do partido.

⁵²Jornalista de profissão, desenrola o papel de tesoureiro.

⁵³Veterano de guerra, atua também como um dos Vice-Presidentes da FN, destacando-se pela sua tendência mais conservadora em oposição aos revolucionários nacionalistas.

⁵⁴Advogado e primeiro Presidente da *Ordre Nouveau*, acaba, anos mais tarde, por desempenhar um papel de concelheiro do partido.

⁵⁵Destacado pelo seu papel de ativista no contexto político francês, acaba por desenrolar um papel relevante na FN, apoiando sempre as suas causas.

⁵⁶Conselheiro e um dos deputados eleitos da lista apresentada nas eleições de 1986.

⁵⁷Ocupando o cargo de secretário-geral, participa na criação do partido ambicionando a ampliação do mesmo.

⁵⁸Jornalista francês, destacado pelo seu desempenho como vice tesoureiro da FN.

⁵⁹Ideologias é aqui utilizado no seu significado fraco, ou seja, “um conjunto de ideias e valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos” (Pinto J. , 2017, p. 118).

⁶⁰Fundada a 26 de dezembro de 1946 por veteranos da República Social italiana e ex-membros do regime fascista, destacou-se pela sua abordagem neofascista nacionalista e conservadora.

Não podendo contornar as circunstâncias difíceis associadas ao período que a França vivia aquando da sua formação, destaca-se o ambiente de indiscutível tensão e discórdia, assinalada pela realidade difícil à qual a extrema-direita fora sujeita ao longo dos anos. Esta tensão surge, na sua maioria, como fruto do descrédito por parte do povo francês desde o fim da guerra franco-argelina (1954-1962)⁶¹, o que leva a que a Frente Nacional enfrente dificuldades decorrentes dos seus posicionamentos fortes, relativos a alguns tópicos.

A nova visão tende a ser mais suave relativamente às anteriores. Posto isto, o legado de Jean Marie Le Pen⁶² surge e é assente no desejo de atenuar a imagem existente, como fora mencionado, da extrema-direita francesa que, até então, era apenas reconhecida dentro das próprias fronteiras, apoiada, de forma infeliz para os seus apoiantes, pelos piores motivos.

Realizando uma análise mais detalhada, salienta-se a recorrente utilização do nacionalismo como base das suas argumentações, separando-se ideologicamente dos seus “antepassados” pela sua descrença face às abordagens de caráter fascista, que acaba ainda por ser complementada pela sua abordagem a nível social, apoiada em padrões igualmente conservadores e ditos como tradicionais, usuais em partidos de características semelhantes e que, em cenários de desconfiança e descontentamento político, surgem sempre como pontos bônus para a obtenção de novos seguidores (Narcizo, 2019, pp. 51-53). Após uma boa inserção na realidade política francesa, apresenta-se, oficialmente, às eleições legislativas, com um candidato, em 1974.

Nada apontava para que fosse necessária uma renovação devido à curta vida do partido até que os resultados obtidos pelo seu candidato nas eleições de 1974 se tornam públicos. Apesar da motivação e apoio inicial positivo, os resultados acabam por não serem alcançados como desejado previamente, sendo que concluem as eleições com uns tímidos e pouco relevantes, 0,8%⁶³ dos votos, acabando por sustentar os rumores em torno de possíveis desentendimentos internos.

⁶¹Conflito entre argelinos e franceses pela independência do país.

⁶²James Shields (2010) aborda a eleição de Jean Marie Le Pen como o candidato de perfil perfeito, não possuidor de imagem de militante radical da ON, portador de uma figura e postura moderada, em oposição aos padrões conhecidos até ao momento.

⁶³Todas as percentagens utilizadas ao longo deste capítulo foram retiradas de: Parlamento Europeu. (s.d.). *Portal do parlamento europeu*. Obtido de <https://www.europarl.europa.eu/election-results-2019/pt/resultados-nacionais/franca/2019-2024/>.

Declarada como um peão que se deslocava, meramente, na periferia da política francesa, a *Front National*, de modo a combater o cenário menos positivo que se vivia, e para que o mesmo não se conservasse por um longo período, como sucedeu nos primeiros anos da sua formação, seguiu o caminho necessário, pela primeira vez, mas não última, de encontro a uma reestruturação que sustentasse o partido.

Segundo a abordagem de Camus (2015, pp. 27-50) as crescentes divergências ideológicas a nível interno foram o motivo para tal fracasso eleitoral, podendo ser facilmente explicadas pelas duas correntes que dividiam o partido. Numa primeira instância há que ter em conta as ligações históricas conduzidas pelos valores tradicionais, difíceis de apagar da sua essência, em parte provenientes da ligação com a ON e que acabavam por colidir com a abordagem defendida por líderes como Jean-Marie Le Pen.

Ao depararem-se com tal realidade, onde não existe forma de seguir um cenário consensual, os conflitos internos acabam por culminar na rutura total entre os dois grupos no decorrer da campanha eleitoral para as eleições que se seguiam. Posto este cenário de renovação, Le Pen e as suas políticas parecem ganhar um novo fôlego, assegurando o seu lugar como um dos principais líderes e personalidades associadas ao partido.

Num ambiente menos favorável, como o vivenciado, torna-se impossível não referir o papel desenrolado por François Duprat⁶⁴. Apesar das suas raízes e crenças fascistas, utiliza um novo discurso, que marcará a orientação do partido, assim como as suas possíveis estratégias para defesa do que mais ambicionam proteger: a cultura francesa. Articulando os seus objetivos de forma clara, a sua estratégia apresenta-se então apoiada em três pilares fundamentais. Numa primeira instância o antiparlamentarismo e a oposição irrevogável ao sistema democrático seguido no país, que seria complementado, numa segunda instância, pelo clima de liberdade de escolha de direção dos seus militantes, ou seja, defende que qualquer membro possa pertencer, de livre vontade, a qualquer outro grupo de caráter nacionalista. Por último, e tendo em mente as eleições regionais e nacionais, desenvolve negociações com as restantes direitas locais o que iria permitir alianças imprescindíveis para um melhor resultado.

O legado de Duprat destaca-se ainda pelas alianças desenvolvidas com os mais variados grupos extremistas europeus, que se identificavam como defensores de ideias xenófobas e de uma atitude crítica face aos movimentos migratórios, chegando mesmo a iniciar

⁶⁴Militante de direita e considerado por muitos como o mais importante nome da extrema-direita francesa nas décadas de 1960 e 1970, destaca-se pela sua personalidade truculenta.

uma narrativa que associava decadência da França à imigração ilegal. Tal abordagem, apesar do apoio de partidos por toda a Europa, resultam, mais uma vez, num fracasso eleitoral nos anos de 1974 a 1978⁶⁵.

A morte precoce de François Duprat, vítima de um acidente de viação, constituiu uma condicionante que se refletiu nas eleições de 1978, nas quais o partido perdeu rapidamente o espaço anteriormente conquistado entre os grupos que o seguiam. Na prática, este contratempo, culmina numa reformulação interna, desta vez impulsionada por motivos diferentes, sendo assim adotado um esquema que conduza o partido a uma modernização, agora liderada apenas por Jean-Marie Le Pen, que aproveitou o sucedido para se afirmar a solo e assegurar o papel de líder, tornando-se, cada vez mais, a figura mais importante da *Front National*.

Apesar de falharem tanto as eleições europeias de 1979 como as presidenciais de 1981, fruto da reorganização necessária que levou tempo até ter bases fortes o suficiente para demonstrar estabilidade, voltaram com mais força em 1984 quando o seu candidato, contra todas as expectativas, conquistou uns sonantes 11% dos votos nas eleições europeias, o que pode ser visto, em parte, como uma conquista decorrente do seu distanciamento em relação às ideias que os outros grupos de extrema direita seguiam. Com o decorrer dos anos, o partido continuou a ter cada vez mais apoio e a conseguir afirmar e transmitir a sua mensagem a um maior número de cidadãos franceses, o que leva, novamente, a um crescimento considerável do número de votos, uma vez que, em 1988, desta vez nas eleições presidenciais, o candidato representante consegue obter cerca de 14,4% dos votos, números nunca alcançados.

Fazendo crescer o seu apoio e relevância interna, Pascal Delwit (2012, pp. 26-29) defende que o ponto chave e a destacar neste processo interno de afirmação dá-se com o decorrer da década de 1990, após as eleições municipais de 1995, onde o seu candidato obtém 15% dos votos, um ligeiro aumento face às anteriores, mas que não deixa de ser visto como um resultado positivo. O autor evidencia esta influência crescente que, impulsionada pelo apoio popular e pelo seu desejo de utilizar e fazer ouvir a sua voz, acaba por influenciar o debate em assuntos como a laicidade do Estado francês no geral, referindo, por exemplo, o uso de vestes islâmicas em espaços públicos, elegendo ainda como inimigo geral a globalização económica,

⁶⁵Camus (1996) observa os resultados das eleições legislativas de 1979 como mais uma mudança ideológica radical no partido, intitulando-a mesmo de “virada para o nacionalismo populismo”. Esta mudança trata-se nada mais do que uma estratégia para ampliar o público-alvo do partido.

que se acaba por traduzir na transmissão de que existe uma elite que visiona uma padronização da economia.

Com bases e apoiantes assegurados, mas que não chegam para obter os resultados pretendidos, neste caso, a presidência, o partido depara-se com uma realidade de estagnação, seguindo-se a decisão de que uma nova reformulação seria necessária, desta vez assegurada pela necessidade de estabilizar e consolidar todo o progresso dos últimos anos. A consolidação do partido prossegue, dando, aparentemente, frutos, uma vez que culmina num novo pico de votos, desta vez em 2002, na eleição presidencial, com 16,9% dos votos. Este resultado, para além de se tornar histórico pela percentagem, destacando-se ainda mais pelo facto inédito de possibilitar o acesso ao segundo turno das eleições⁶⁶.

Pascal Delwit (2012, p. 30), na sua obra e abordagem do tema, observa esta conquista como um momento que pode ter sido em conta como um tanto ou quanto paradoxal, uma vez que o mesmo surge num momento de fragilidade e enfraquecimento do partido, fruto das diversas divisões internas que se foram desenrolando aos poucos ao longo dos anos e que, inevitavelmente, deixam a sua marca, mesmo que não seja notório para o público em geral.

O partido volta a entrar em conflitos internos, sendo que o resultado positivo alcançado em 2002 não impede a crise que se avizinha, sofrendo uma descida considerável nas eleições de 2007, quando os resultados apenas se traduzem em 10,4%, perdendo mais de 6% dos seus eleitores. Tais resultados, aliados aos problemas financeiros mostram, mais uma vez, que existe uma necessidade clara de mudança e rejuvenescimento do partido.

O processo de sucessão de Jean-Marie Le Pen é colocado em cima da mesa dando início a uma disputa acesa pelo lugar de maior relevância dentro do partido. Com o cargo ao dispor, as eleições são disputadas por ambos os vice-presidentes executivos que já tinham sido previamente nomeados, e que já desempenhavam papéis ativos importantes na FN. Apresenta-se assim, por um lado, Bruno Gollnisch, académico francês já com nome e formação conhecida pelos franceses e, por outro, Marine Le Pen, filha mais nova do até então presidente. Num primeiro momento da disputa, Gollnisch apresenta-se como o candidato preferido e mais adequado para o cargo, mas, no outro lado da moeda, existe um grande ponto a favor da sua opositora, a sua linhagem.

⁶⁶Apesar deste marco alcançado, acaba por perder, aquando do segundo turno, a presidência para Jacques Chirac, candidato do *Rassemblement pour la République* (RPR).

Declarando-se, prontamente, como apoiante da sua filha, Jean-Marie Le Pen, torna a desempenhar um papel importante na formação do partido que ajudou a criar, desta vez ao demonstrar confiança na nova candidata. Este apoio torna-se imprescindível e parece ser decisivo no momento da decisão, uma vez que acaba por se traduzir na eleição de mais um Le Pen⁶⁷.

Liderado, desta vez, por uma mulher, o que por si só é algo de louvar, o partido ingressa numa nova realidade, assinalada pelo processo de rejeição de certas estratégias, enquanto procura mais apoio, não só dos tradicionalmente associados ao partido, mas sim a todos os cidadãos franceses que se revejam nas suas ideias.

Tendo um início de mandato promissor, distingue-se dos antecessores, ao adequar as abordagens face à conjuntura em que é inserida. Ao adotar esta nova estratégia, Marine Le Pen, conduz o partido a mais um ponto de viragem, meses após a sua eleição quando, na eleição de 2012, torna possível um verdadeiro terramoto político, originado pelo desfecho inesperado nas eleições legislativas francesas do mesmo ano. Os resultados menos positivos de 2007, que levaram ao colapso interno, ficam para trás, e vivem-se novos momentos de glória, ao serem alcançados 17,9% dos votos.

Com uma estrutura estabilizada, Le Pen continua a lutar pelo melhoramento da credibilidade associada ao partido, começando, por exemplo, pela mudança do nome, salientando que este é o primeiro passo para o sucesso. Através de um processo de votação via correspondência, os militantes do partido chegam a um consenso e seguem as aspirações da advogada francesa, adotando o nome de Rassemblement National (Lusa, 2018).

Atualmente, e após a mudança conceptual pública das abordagens defendidas pelo RN, Marine Le Pen⁶⁸ ganhou duas vezes mais apoio nos seus poucos anos de liderança do que o seu pai conseguiu em todo o seu mandato, destacando-se, de forma mais evidente, no panorama europeu, onde ganha um protagonismo considerável. O sucesso da presidência de Le Pen torna-se claro, ao ser figura presente em todos os tabloides nacionais e internacionais, que, apesar de nem sempre retratarem aspetos positivos, destacam a líder pelos seus argumentos e discursos de cariz assertivo e direto, acabando por manter o nome Marine Le Pen aceso.

⁶⁷A presente eleição dá-se no dia 16 de janeiro de 2011.

⁶⁸Continuando a desenrolar um papel e liderança positivo, a reeleição parece natural. Em pleno 2021 já conta com quatro reeleições consecutivas.

Através da nova abordagem, a imagem do partido parece ser transmitida ao povo francês da forma pretendida, traduzindo-se em novas conquistas todos os anos.

III.II Grandes Bandeiras

A realidade política, não só no contexto francês, caracteriza-se por uma luta constante, existindo diferentes ideais e posições face aos mesmo tópicos, o que conduz a frequentes tensões e conflitos internos. Um cenário facilmente aplicado ao Rassemblement National que se destaca por enfrentar ao longo o decorrer dos anos vários momentos que o condicionaram⁶⁹.

Lebourg, na sua obra de 2015, destaca que a criação da FN ocorreu tendo como inspiração o compromisso nacionalista integral⁷⁰, seguindo as ideias e abordagens influenciadas pela *Ordre Nouveau*, caracterizada pela sua vertente neofascista, reforçando de forma irrefutável os argumentos criados em volta da sua falta de singularidade, algo expectável face os inúmeros apoiantes que seguem a FN após a dissolução dos restantes movimentos (Lebourg, 2015, pp. 121-139).

Dito isto, o partido desenvolveu-se tendo por base uma política em parte fundamentada na já existente, distinguindo-se, no entanto pela sua rejeição ao neofascismo, o que, apesar de ser utilizado como argumento, não impediu que grupos de cariz neonazis e negacionistas, se tivessem aproximado do grupo (Narcizo, 2019, p. 68). O partido apresenta-se ao público francês como um partido da direita nacionalista assumida, focado, de forma intrínseca, em reforçar e reafirmar o seu poder em termos nacionais, adotando posições políticas fortes para preencher as lacunas existentes, restaurando a tão desejada liberdade dos cidadãos franceses. Para que o apoio fosse crescente, a aposta no discurso onde o povo francês, nomeadamente, no que diz respeito aos seus interesses e necessidades, se encontrava sempre e acima de tudo, no núcleo das suas ambições políticas, no centro de todos os momentos.

Criada, como já fora referido, como desfecho e solução face a uma *Ordre Nouveau* enfraquecida e impossibilitada de progredir sozinha, a FN ergue-se com o intuito primordial de aproximar movimentos já existentes e que se encontravam no ativo, que devido à sua reduzida

⁶⁹ Agregando grupos distintos na sua estrutura ao longo dos anos, o RN torna-se um exemplo perfeito de alianças e relações externas que vêm forçados a mudar face às divergências existentes dentro do próprio grupo, daí as inúmeras alterações e reestruturações efetuadas ao longo dos últimos anos.

⁷⁰ Também conhecido como nacionalismo integralista, refere-se a um conjunto de ideias de cariz nacionalista que, através da abordagem integralista, se tenta encontrar formas de defender a nacionalidade, por exemplo, ao tentarem encontrar instituições que demonstrem capacidade de unir e melhorar o país como um todo.

implantação não conseguiam alcançar público mais numeroso, mas que, ao formar alianças, ambicionam novas metas eleitorais.

Com ideias claras estabelecidas desde o início, e não esquecendo o fracasso que foram as eleições de 1974⁷¹, vistas por Pierre Bréchon⁷² (2012, p. 163) como uma consequência da incapacidade de cooperação entre partidos apoiantes⁷³, o primeiro programa político do partido sofreu alterações, em parte, devido ao abalo que ocorre na sua estrutura. Segundo Jean-Yves Camus, este novo programa eleitoral podia ser caracterizado como uma junção entre o conceito e abordagem nacionalista e uma abordagem revolucionária das ideias seguidas até ao momento. Este novo caminho destaca-se pela utilização de uma retórica mais moderada dos princípios em torno dos grupos de direita aliados (1996, pp. 19-20).

Apesar das pequenas alterações realizadas com o decorrer dos anos, apenas com a ascensão de Marine Le Pen, se iniciou, efetivamente, o real processo de reestruturação do partido. Apresentando um foco total na revisão das estratégias utilizadas, e que se destacavam, negativamente, pelo facto de já se encontrarem ultrapassadas. Sem forma de captar e reerguer o apoio e atenção do eleitorado francês, a mudança de imagem torna-se o foco principal do partido e, em particular, de Marine Le Pen.

De forma geral, e apesar do partido seguir uma posição firme face a matérias como a anti-imigração, apoiando-se no argumento de que tais medidas são indispensáveis para a proteção da imagem nacional e o atingir dos interesses da nação, sem dar margem para qualquer tipo de imprevistos que estejam fora do seu alcance, provenientes de terceiros.

Procurando mudar a imagem do partido, e não esquecendo a sua história e a vertente, pela qual sempre se quis destacar, a campanha eleitoral de Marine Le Pen em 2017 deparou-se com a necessidade de seguir um plano diferente, para que a mesma se desenrola-se de forma estratégica e ponderada, uma vez que, mesmo se captasse e conquistasse os votos de todos os militantes e simpatizantes de partidos de extrema-direita, algo sempre difícil de acontecer por si só, não seria suficiente para se destacar e vencer no duelo final, face aos restantes candidatos. Face a esse constrangimento, durante os meses de campanha, tornava-se imprescindível captar

⁷¹Para mais informações consultar o capítulo anterior.

⁷²Fracasso, em parte, impulsionado pelo apoio fornecido pelo *parti des forces nouvelles*, também conhecido por PFN, que apoiou a campanha de Valéry Giscard, político francês pertencente ao partido popular francês.

⁷³Destaque ainda para a situação da *Occident*, que acaba por ser associada a situações e abordagens ilegais e que levou aos jovens a procurarem um novo ponto e partido para se consolidar.

a atenção dos restantes cidadãos franceses, descontentes com a forma como a política nacional tem vindo a evolucionar, e que habitualmente não votavam nela.

Numa análise mais detalhada à nova líder, Marine Le Pen, a sua intenção e vontade de vencer destaca-se desde o primeiro momento. Autointitulando-se, acima de tudo, como defensora e apaixonada pela tradição nacional francesa⁷⁴, argumento constantemente utilizado ao longo dos seus discursos até aos dias de hoje, o seu caminho passa, necessariamente, pela defesa e enaltecimento da grandiosidade por detrás da França.

Adotando uma política e discurso dissemelhante e inovador, defende o direito à liberdade, à soberania e à tão importante reestruturação da identidade nacional⁷⁵. Marine Le Pen segue, vigorosamente, o lema de “implantar-se, aliar-se, governar”, tornando conhecido o seu *slogan* onde homenageia e direciona todas as suas conquistas ao povo francês⁷⁶, tudo para demonstrar que não é impossível a construção de uma nova e melhorada faceta do seu partido. Gradualmente redefinindo o discurso e maneira de popularizar as suas ideias, afastando-se das abordagens mais radicais e adaptando-se aos acontecimentos mais recentes⁷⁷, Le Pen chama à colação Winston Churchill como exemplo, realçando a necessidade de continuar, mesmo que o fracasso esteja iminente (Jornal económico com lusa, 2018).

Numa análise mais pormenorizada ao seu perfil, desta vez pelo jornal francês, *Le Monde*, existe uma discordância, uma vez que refuta⁷⁸ tais argumentos de mudança, indicando mesmo que Marine Le Pen, compartilha as mesmas obsessões e opiniões que o seu pai e antigo presidente, Jean Marie Le Pen, focando-se, meramente, no desejo comum de uma nação orgânica que se depara com uma tragédia iminente, um mal interno que se designa de imigração, completada por um inimigo externo, a Europa (Sanford, 2017).

⁷⁴Argumento facilmente apoiado no seu livro de 2012, intitulado de *Pour que vive la France* onde escreve “(...) Comme l’amour maternel, l’amour de la France ne s’explique pas, il se vit. Ce sentiment m’emplit d’espérance pour l’avenir et constitue le carburant inépuisable de mon engagement politique” (Le Pen M. , 2012).

⁷⁵ Ao ambicionar tais direitos, sublinha que defende todos os povos do mundo, não só para os franceses (Le Pen M. , 2015).

⁷⁶“Au nom du peuple”.

⁷⁷Em entrevista em 2017, quando questionada, Marine Le Pen enaltece que não se consegue classificar como pertencente da “direita-radical”, apesar do RN vir da extrema-direita e realizar a transição para uma direita radical (Le Pen M. , 2015).

⁷⁸Não podendo esquecer os comentários realizados em 2010, quando gera polémica ao comparar as orações realizadas pelos muçulmanos nas ruas francesas à ocupação nazi em França: “para aqueles que querem falar muito sobre a Segunda Guerra Mundial, se for sobre ocupação, também poderíamos falar sobre isso, porque isso é ocupação do território” (Euroactiv, 2012).

Reforçando a sua forma estratégica nota-se o desejo da aproximação a uma vertente religiosa, neste caso, ao mostrar-se aberta e leal à a cultura cristã, levando mesmo ao enaltecimento da mesma, em mais do que um momento aquando dos seus discursos. Ao mesmo tempo que reforça, mais uma vez, a vertente histórica, utiliza a Revolução Francesa como arma argumentativa, nomeadamente, ao reforçar o lema nacional “*Liberté, Egalité, Fraternité*”, realizando assim uma ponte entre as duas partes, ou seja, os princípios a seguir para o bom funcionar do país e a herança cristã. É a afirmação que restitui a Revolução Francesa ao núcleo da tradição francesa. A quarta conferência presidencial, que se realizou a 13 de março de 2017, acaba por servir de apoio a esta ideia e intenção de proteção máxima da história e valores franceses. Le Pen defende a necessidade de adoção de uma “*politique de la citoyenneté, conduite pour l’amour de la France, pour que la France soit plus grande, plus forte, et rayonne dans le monde, est au cœur de notre projet politique*” (Le Pen M. , 2017).

Demonstrando, desde início, o desejo de se desligar do passado histórico do partido, pelo menos no que diz respeito a momentos e decisões menos positivas⁷⁹ e, ao mesmo tempo, suavizar a imagem até ali deixada, surge a maior mudança possível, a mudança do seu nome⁸⁰. Descrito, como o ponto de viragem imprescindível para o sucesso, Marine Le Pen refere-se a este acontecimento como um fechar de um “capítulo da história do nosso movimento nacional, iniciando há um pouco mais de 45 anos, apenas para começar um novo, ainda mais glorioso” (Landsdon, 2018).

Em oposição, e nada satisfeito com as mudanças internas que observa, Jean Marie Le Pen, descreve o processo em torno da mudança do nome, como um total “suicídio político”, criticando as alterações, pois “demora anos, décadas, a construir um nome político credível. Querer mudá-lo é...inexplicável”. Na sua entrevista à agência Reuters, o político descreve a liderança e focalização da sua filha em certas áreas como um falhanço recheado de erros táticos e estratégicos, realçando, particularmente, a luta de Marine Le Pen face às ondas de imigração sem precedentes que a mesma visiona como ponto chave, não deixando de parte a operação criada contra o euro e a Europa em geral⁸¹. Com uma carreira política impressionante de mais de 60 anos, o ex líder do agora denominado RN admite que tal abordagem política não só não

⁷⁹De realçar o afastamento de seu pai, Jean-Marie Le Pene do cargo de Presidente honorário do partido, decisão que o mesmo contesta prontamente.

⁸⁰A transição para o novo nome decorre, oficialmente, no dia 1 de junho de 2018.

⁸¹“Marine Le Pen watered down her anti-euro stance, which has proved unpopular beyond the party’s core fans, after the election, refocusing the party on migration and security as other far-right parties in Europe have done” (Melander & Carraud, 2018).

levará a bom porto o partido, como apagará a imagem mundial e conceitual da sua eterna Frente Nacional (Le Pen J. , 2018). Mesmo que se diga insatisfeito com muita frequência, a verdade é que as mudanças seguiram o caminho idealizado pela filha, sendo possível afirmar que, até ao momento, parecem estar a ter um efeito promissor junto de um número crescente da população francesa.

Fazendo parte das bandeiras primordiais do partido, a imigração não poderia ser colocada fora das questões mais pertinentes. Vista, ao longo dos últimos anos, como um dos condicionantes para a evolução nacional, a entrada de migrantes é, recorrentemente, mencionada como propícia a gerar desemprego para os nacionais, assim como, por outro lado, fazem crescer ondas de terrorismo. Marine Le Pen (BBC, 2017) reflete este pensamento ao prometer a suspensão da imigração, destacando a sua necessidade e definindo-a como “a mad, uncontrolled situation” que urge terminar⁸².

O tema da globalização marca também uma presença constante nos programas. Marine Le Pen apoiada na visão de que a globalização apenas encaminha o país para um cenário problemático, culpa os líderes nacionais de desenvolverem uma política assente na globalização, vendo na mesma uma estratégia imprescindível para as ambições nacionais, algo que o RN não aceita. Como apoio à argumentação, surge, em paralelo, uma relação com os atentados terroristas que se deram em território nacional e que seriam facilmente controlados num mundo menos globalizado e com os movimentos migratórios controlados (Vinocur, 2017).

Marine Le Pen aborda a presente temática em toda a sua campanha, considerando-a, de forma muito clara e direta, como um problema, uma das principais causas para a queda francesa, tudo fruto das más escolhas dos líderes mundiais, os quais questiona de forma regular. Tendo como palco, por exemplo, a cidade de Lyon, o discurso fala por si mesmo. Focando-se no “povo contra as elites”, questiona os mais variados líderes mundiais sobre a “globalização não regulamentada” que se tornou numa ideologia, não só rejeitando todos os limites possíveis, como enfraquece as defesas do Estado-nação, nomeadamente em aspetos como as moedas nacionais, a gestão da economia interna e as fronteiras de cada país. Para finalizar, e realizando uma ponte argumentativa a outro fator chave do seu perfil político, a imigração, caracteriza o globalismo como uma fonte propícia à disseminação das ideologias defendidas pelo

⁸²Para que tal processo se desempenhe o mais rápido possível, as ambições de Marine Le Pen passam por criar um processo de deportações mais fácil e, por outro lado, a obtenção de asilo e a obtenção de residência francesa, mais difícil (Sanford, 2017).

fundamentalismo islâmico⁸³⁸⁴ que, numa sociedade globalizada, se deparam com cenários mais facilitado e propícios, representando, segundo as palavras da advogada e líder partidária, um “totalitarismo que ameaça o nosso país” (Le Pen M. , 2017).

Apesar de não gostar de ser referida nem de nacionalista, uma vez que, segundo a sua vivência, o termo se tornou pejorativo⁸⁵, nem de conservadora, sendo que se destaca pela sua adoção de um perfil moderno do outrora existente, Marine Le Pen acaba por seguir a tradicional ideologia nacionalista do partido, seguindo, em vários momentos, ideias igualmente xenófobas, nacionalistas e de cariz antieuropeu.

Em 2021, após uma longa reconstrução dos seus ideais, o RN encontra-se numa posição confortável para a luta que se avizinhava, as eleições presidenciais de 2022⁸⁶. Mas, desta vez, Marine Le Pen depara-se com um novo oponente, Eric Zemmour.

Zemmour, conhecido comentador de televisão, surge como a nova estrela da extrema-direita francesa. Destacando-se dos demais oponentes, apresenta todas as características necessárias para abalar a França nos próximos anos, começando nas eleições presidências que ocorreram em 2022. Atualmente com 63 anos de idade, o francês, consideravelmente mais intransigente em muitos dos pontos fulcrais, já foi condenado mais do que uma vez por incitar ao ódio racial⁸⁷ e se posicionar de forma muito forte quanto à imigração.

Como já fora referido, a imigração, e o desejo de a controlar, destaca-se como a sua principal bandeira de campanha e parece ter sucesso entre os franceses de todas as faixas etárias. A primeira ação de campanha como candidato, e não apenas como jornalista, demonstra isso mesmo, uma vez que levou milhares de franceses para as ruas de Paris. Denominando o seu projeto de “reconquista”, sublinha, desde o primeiro momento, que tenciona “expulsar

⁸³Apesar de não utilizar, usualmente, termos como “islâmico” ou “islão”, no decorrer das suas campanhas eleitorais, a linguagem utilizada fala por si, transmitindo a mensagem desejada aos seus apoiantes. Como exemplo, podemos ter o discurso realizado em Fréjus, no sul de França, quando se referia a certos emigrantes como “these people whose beliefs, values and practices are not ours, whi didn’t have a vocation to be in France” (Sanford, 2017).

⁸⁴Visando a cessão do mesmo inclui, no seu programa político, promessas relativas à interrupção de financiamentos provenientes do exterior, que seriam ajudadas pelo encerramento de mesquitas que possam ter um cariz extremista e pela proibição de financiamentos públicos a cultos, tudo com o intuito de combater redes jihadistas que se desenrolam em território francês.

⁸⁵Enaltece que o antigo Presidente François Mitterrand fez do conceito “nacionalista” um termo de cariz guerreiro e, sendo que a mesma não ambiciona guerra contra ninguém, segundo as próprias palavras, prefere não ser caracterizada como tal (Le Pen M. , 2015).

⁸⁶A décima-segunda eleição presidencial da Quinta República Francesa realizou-se a 10 e 24 de abril de 2022.

⁸⁷Acabando por ser condenado, refere, num debate televisivo, que os menores de idade que chegam a França como “ladrões e assassinos” sendo que “devem ser mandados de volta para os locais de origem” (Sky news, 2022).

sistematicamente todos os clandestinos que estão ilegais em solo francês” completando ainda que o mesmo se deve suceder a “desempregados estrangeiros que não consigam encontrar trabalho em seis meses”. Para tal, apoia os seus argumentos e decisões, no facto existirem “tantos países democráticos que o fazem”.

Quando colocados lado a lado, o impacto televisivo já alcançado por Eric Zemmour torna-se uma mais-valia quando comparado à líder do RN⁸⁸. Em oposição à boa imprensa e reconhecimento do novo candidato, surge uma realidade mais conturbada para Le Pen. A título de exemplo, refere-se as acusações que foram surgindo ao longo de 2021 quando o RN é acusado, após uma investigação judicial, de ter desviado cerca de 6,8 milhões de euros provenientes de fundos do Parlamento Europeu⁸⁹, entre os anos de 2017 e 2018, ao utilizar os montantes para contratação de assistentes ao invés dos salários que deveriam ser dirigidos para os eurodeputados e colaboradores que trabalham, efetivamente, para o partido⁹⁰ (Lusa, 2021).

Diretamente relacionado com as presentes acusações ou não, a realidade é que, nas eleições regionais de 2021⁹¹, os resultados positivos obtidos até então por Marine de Pen acabaram por estagnar, alcançando um resultado mais baixo do que nas eleições anteriores e que culminaram na perda inerente de lugares, em comparação aos obtidos em 2015⁹². Não podendo negar que tanto Le Pen como Macron, representam os partidos mais fortes na luta pelas presidenciais, tais resultados dão início a um frenesim político, desta vez pelos piores motivos. Com a contagem de votos encerrada, destacou-se a região de Provence-Alpes-Côte d’Azur, onde se esperava um desfecho mais promissor para a extrema-direita, mas que acaba por ser esmagado com a derrota no segundo turno para a oposição. Posto isto, e realizando um balanço final das eleições de 2021⁹³, destaca-se, principalmente, a ascensão dos republicanos

⁸⁸A título de exemplo, o debate com o líder da extrema-esquerda, Jean-Luc Mélenchon, transmitido pela transmissora francesa BFM-TV, a 23 de setembro de 2021 conseguiu atrair um total de 3,8 milhões de telespectadores, números estes que apenas incluem os dados da transmissão em si e aos quais se adicionam os obtidos após publicação e partilha do mesmo nas restantes plataformas informativas nacionais e internacionais.

⁸⁹A situação em questão remota à liderança de Jean Marie Le Pen, que terá estado sob comando do desvio do montante em questão, mas que apenas acabou por ser consumado já sob a presidência da sua filha, Marine Le Pen, mais concretamente, após as eleições europeias de 2014, que se distinguem pela conquista de 24 lugares do partido de extrema-direita (Lusa, 2021).

⁹⁰Wallerand de Saint-Just, tesoureiro do RN, acusa, em declarações ao canal francês BFM, o Ministro da justiça, Éric Dupond-Moretti, de uma clara manobra política, uma vez que, segundo o próprio, “ele passa a vida a dizer que quer prejudicar ao máximo a RN” (BFM, 2021).

⁹¹As eleições regionais francesas decorreram nos dias 20 e 27 de junho de 2021.

⁹²Nas eleições regionais de 2015, a então FN, destaca-se pela conquista da ronda de abertura, obtendo entre 27 e 30% dos votos nacionais, valor mais elevando de sempre correspondente a um partido de extrema-direita. Estes resultados dobram o resultado de 2010.

⁹³Para consulta dos resultados por região, consultar o mapa interativo disponibilizado em: <https://www.bloomberg.com/graphics/2021-france-regional-elections/>.

que, demonstrando a sua resistência, desequilibraram as expectativas formalizadas anteriormente e levaram à derrota, não só do *En Marche!* (LREM), dirigido pelo Presidente Emmanuel Macron, como do *Rassemblement National*⁹⁴. Tais resultados, em parceria com a alta percentagem de abstenção, refletem o quanto o público francês se encontra descontente e desmotivado com a realidade política no país (Warren, Alexander, & Nussbaum, 2021).

Face ao cenário, tanto nas eleições regionais de 2021 como nas presidenciais de 2022, encara a derrota como um ponto de viragem, dirigindo-se aos seus seguidores prontamente, com um discurso confiante, o qual já se tornou a sua imagem de marca, mobilizando-os para “já a partir de amanhã, para construirmos juntos a alternativa que a França precisa”. A abordagem positiva acaba por produzir bons resultados, sendo que nas eleições legislativas, que decorreram a 12 e 19 de junho de 2022, o RN passa de 8 para 89 deputados, tornando-se a terceira força política francesa, apenas ultrapassada por Emmanuel Macron que, apesar de perder a maioria absoluta outrora alcançada, acaba por granjear 38,57% dos votos, ou seja, 245 dos 577 dos lugares. Em segundo lugar fica a coligação liderada por Mélenchon, com 131 deputados.

Reconhecidos por José Filipe Pinto (2022) como expectáveis, os resultados das eleições legislativas atribuem num maior peso ao populismo identitário cultural de Marine Le Pen que, pela primeira vez, consegue criar o seu próprio grupo parlamentar, elevando a sua visibilidade e poder de intervenção.

III.III. Atuação na União Europeia

Apesar do seu sucesso recente, o *Rassemblement National* nem sempre se afirmou no palco europeu. Se, em tempos, os “companheiros” eram escassos no Parlamento Europeu⁹⁵, a realidade muda, a seu favor, no início de 2007, aquando da criação de um grupo denominado de “Identity, Tradition Sovereignty”⁹⁶. Liderado por Bruno Gollnisch, surge após a adesão da

⁹⁴De realçar a elevada taxa de abstenção, verdadeiro vencedor das eleições que, no primeiro turno, que corresponde a um novo recorde nacional, com 66% dos franceses a absterem-se do direito de voto. Em adição, o segundo turno não obteve resultados mais positivos conseguindo apenas mobilizar uma percentagem que ronda o 1%, o que corresponde à menor taxa de participação registada desde o ano de 1986.

⁹⁵Até então, o apoio restringia-se a três eurodeputados que não pertenciam a nenhum grupo político.

⁹⁶Grupo partidário nacionalista, fundado a 17 de janeiro de 2007, composto por 21 deputados europeus provenientes de países como a França, Roménia, Bélgica, Itália, Áustria, Bulgária e Reino Unido. Após um bom começo acaba por ser dissimulado ainda no mesmo ano, em novembro, após a saída de cinco eurodeputados do partido romeno.

Roménia e da Bulgária à União Europeia, focando-se nos “national interests, sovereignties, identities and differences”, enquanto se contrapõem, vivamente, à “unitary, bureaucratic, european superstate”. Apesar de um bom arranque, acaba por não permanecer no ativo durante muito tempo, sendo revogado em novembro do mesmo ano, uma vez que não se encontrava em acordo com as regulamentações necessárias⁹⁷ (Mahony, 2007).

Após esta primeira aliança, não tardaram a surgir parcerias, podendo-se referir a sua continua colaboração com o partido belga, Vlaams Belang, facilitada pela sua partilha de apreciação face a temáticas como a imigração e a luta contra o crime associado à mesma, ou com a Liga Norte⁹⁸, também ela apoiada em políticas anti-imigração. Em 2010, a título de exemplo, é criada uma plataforma destacada pela sua conduta eurocética, a qual fora intitulada de “Aliança Europeia para a Liberdade”, que inclui a então FN (Euroactiv, 2012).

Enquanto isto, Marine Le Pen ia desempenhando um papel menor no Parlamento Europeu, passando despercebida. Eurodeputada desde 2004⁹⁹, destaca-se pelos seus escassos momentos de intervenção. Até 2012, ou seja, após oito anos de mandatos europeus, não há registo de qualquer relatório realizado pela mesma, sendo apenas possível referir a ocorrência de quatro perguntas, realizadas à Comissão, que se completam por apenas 56 vezes aquando de debates. Em adição, importa salientar a sua elevada taxa de abstinência em momentos de votações, uma das mais elevadas de sempre, correspondendo a 42% no período compreendido entre 2004 e 2009, e descendo um pouco, ao chegar aos 38,3%, até ao ano de 2012.

Apesar destes números, esta não é uma abordagem que se possa caracterizar como uma desvantagem, ou té mesmo como uma má gestão do partido francês, uma vez que, independentemente da sua intervenção em debates, a realidade é que a sua presença seria sempre “fraca”, ao ser desenrolada num cenário onde o seu pensamento se encontra em clara minoria, dificultando a sua afirmação. Magali Balet entende este comportamento como uma manobra estratégica, destacando-se pela sua inteligência, uma vez que o simples facto de desempenhar um papel num local como o Parlamento Europeu serve como uma prova para aos eleitores de que existe uma forma de ser credível e assinalar posições, apesar da sua minoria.

⁹⁷Seriam necessários 20 deputados de seis Estados membros, algo que não aconteceu.

⁹⁸Associada a várias polémicas ao longo dos anos, destacam-se as afirmações de Mario Borghezio, que declara que a Europa deveria “remain white and christain (Euroactiv, 2012)”

⁹⁹Deputada do Parlamento Europeu de 2004 a 2017.

Ao adotar esta estratégia, segundo a investigadora do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas (IRIS), a mensagem continuaria a ser transmitida (Euractiv, 2012).

As parcerias continuam com o decorrer dos anos e a esperança de ser possível a criação de um grupo político fica cada vez mais viva. Em 2014, os resultados já começavam a falar por si, com um número total de 175 membros a auto designarem-se de eurocéticos, 122 deles de extrema-direita, sendo os restantes 53 de extrema-esquerda, o Parlamento Europeu passa assim a ser composto seguindo uma média de 1 em cada 4, no que diz respeito a opositores do sistema, o que não deixa de ser curioso uma vez que os seus salários são assegurados pela instituição e pelo papel que desempenham na mesma.

Em 2015 é anunciado a formação de um novo grupo¹⁰⁰, construído em volta da antiga Frente Nacional e o que esta defende, conseguindo reunir aliados suficientes para o seu desempenho no Parlamento Europeu. Com este marco alcançado, o grupo intitulado “Europa das Nações e Liberdades”¹⁰¹¹⁰² permite que os deputados anti União Europeia consigam ter uma maior influência no panorama político, afirmando a sua presença.

Geert Wilders, membro do Parlamento, ataca prontamente a imigração em massa possibilitada pelas políticas da UE, apontando o grupo como a solução para voltarem a “ser donos, das nossas leis, do nosso dinheiro, do nosso país”. Janice Arkinson, representante do Reino Unido, por sua vez, sublinha que se trata da maneira perfeita para “trazer os nossos países de volta”. Em oposição, a formação deste novo grupo traz com ele, como seria de esperar, reações negativas, nomeadamente, de eurodeputados que defendem a União Europeia, sublinhando que com a formação deste novo grupo assinala um “dia triste para a Europa” (Eder, Vinocur, & Baume, 2015).

Neste ponto importa referir que o termo eurocético é manifestamente insuficiente e exigirá uma reflexão. De facto, com Kopcky (2002, pp. 297-326) é necessário usar dois critérios: apoio à integração europeia e apoio à União Europeia. Quanto à integração europeia devem ser considerados os eurófilos que apoiam o processo e os eurófobos que o rejeitam. No que concerne ao apoio à União Europeia há que considerar os euro-otimistas que estão contentes

¹⁰⁰Logo após as eleições de 2014 a intenção de formação de um grupo surge como desejo.

¹⁰¹Marine Le Pen partilha o cargo de Presidente com Marcel de Graaff, proveniente dos Países Baixos. Ludovic de Danne desempenha o papel de secretário geral e Gerolf Annemas surge como tesoureiro (Eder, Vinocur, & Baume, 2015).

¹⁰²O presente grupo parlamentar integra deputados do Partido para a liberdade holandês (PVV), do Partido da Liberdade austríaco (FPÖ), da Liga Norte italiana, os belgas da Vlaams Belang, recebendo, com o passar dos anos, novos membros.

com a forma como a comunidade está a evolucionar e os euro-pessimistas que não se reveem no atual modelo da União Europeia. Cruzando os dois critérios obtemos o seguinte quadro:

Quadro 1: Diferentes distinções associadas ao termo eurocético (Pinto J. , 2021).

Apoio à União Europeia	Apoio à integração europeia		
		Eurófilos	Eurófobos
	Euro-otimistas	Euroentusiastas	Europragmáticos
	Europessimistas	Eurocéticos	Euro-rejeitantes

Face ao esforço o conceito de eurocético abrange quem é eurófilo e euro-rejeitante circunstância que permite a Marine Le Pen dizer que não se opõe ao processo de integração, mas não se revê no modelo da União Europeia. Uma clara evolução em relação a posições anteriores.

A ascensão da extrema-direita na Europa chega a outro patamar em 2017, quando países de irrevogável importância na União Europeia, como a Alemanha e França, obtêm um evidente crescimento dos votos em relação aos resultados anteriormente obtidos. Apesar de saírem derrotados, a posição estava marcada e rapidamente se espalharia para países como a Holanda, Polónia e Hungria. Membro assíduo de movimentos que se dizem anti União Europeia, o inimigo número um de Marine Le Pen e do seu partido, torna-se obvio: o projeto da União Europeia¹⁰³.

Se, em tempos, o partido desempenhava um papel pouco afirmativo a nível internacional, com a chegada de Marine Le Pen ao poder a realidade altera-se e eleva-se a um novo patamar, sendo que conquista, nos últimos anos, duas vezes mais apoio do que o seu pai em todos os seus anos de mandato. Destacando-se ao conseguir obter, por exemplo, nas eleições europeias de 2019, 22,34%¹⁰⁴ dos votos, Le Pen afirma-se tanto a nível nacional, ao vencer os restantes candidatos, como internacional, ao juntar-se aos restantes partidos e movimentos anti União Europeia relembrando os representantes europeus do impacto crescente que a extrema-direita francesa (e mundial) começa a alcançar.

Seguindo uma campanha de promessas de, por exemplo, erradicação dos fluxos de imigração incontrolados, surge o desejo de negociar o posicionamento francês face à União

¹⁰³Surgindo, desde a criação do Rassemblement National, e como já fora dito inúmeras vezes, como uma das propostas chave do manifesto eleitoral presente em todos os momentos eleitorais, a cessão e desejo de erradicação da mesma desempenha um papel fulcral.

¹⁰⁴Resultados disponíveis em: <https://europarl.europa.eu/election-results-2019/en/national-results/france/2019-2024/>.

Europeia, nomeadamente, a desagregação das duas partes, com o intuito de restabelecer a “liberdade” nacional, passando a seguir o seu caminho a solo¹⁰⁵. Ao longo das suas 144 propostas apresentadas no seu programa de Governo¹⁰⁶, tais ambições tornam-se claras, ao apresentar, caso os desfechos das eleições fossem favoráveis, o abandono da zona euro¹⁰⁷ e, como foi abordado anteriormente, a realização de um referendo sobre a permanência francesa na União Europeia. Posicionando-se de forma assertiva desde muito cedo, realça, em 2014, numa entrevista a uma revista alemã, que a União Europeia se tornou num fracasso que não passa de uma guerra de interesses, nomeadamente, no que diz respeito ao seu cariz e vertente económica¹⁰⁸.

Em 2015, volta a reforçar a mesma ideia, desta vez numa entrevista à *revista E* (2015), ao se referir à União Europeia como uma “ditadura” que cada vez se afirma mais de forma negativa. Reforçando, mais uma vez, as suas similaridades com uma prisão que, no momento em questão, se encontrava liderada ou, como a própria diz, guardada pelo “guarda de prisão”, Durão Barroso, opinião que se mantém quando Jean-Claude Juncker chega ao cargo, seguindo a mesma abordagem administrativa¹⁰⁹ o que faz com que não fosse colocada qualquer tipo de esperança no seu mandato¹¹⁰. Ao longo da extensa entrevista, Marine Le Pen reforça que as tensões entre alguns dos países não são recentes, o que ajudaria no processo de afastamento da União Europeia. Com base nas presentes afirmações, reforça que os conflitos seriam mínimos, classificando como possível cessar a utilização do euro de uma forma pacífica e controlada, sem causar demasiados estragos para as economias nacionais.

Esta argumentação acaba por circular no mundo político e jornalístico, acabando por ser contestada inúmeras vezes, como é o caso de Arnaud Leparmentier (2017), jornalista francês do *Le Monde*, que qualifica a proposta como sendo impensável, uma vez que a sua adoção

¹⁰⁵ Apesar de se posicionar de forma evidente, o seu programa peca em detalhes no que toca a um possível tipo de modelo que poderia substituir o existente e seguido pela UE.

¹⁰⁶ Para mais informações sobre as 144 propostas e o que estas representam, consultar o capítulo II, correspondente à análise dos programas de Governo apresentados por ambos os candidatos franceses.

¹⁰⁷ Quando questionada sobre este ponto, realça que o seu plano não passa por voltar ao franco, outrora utilizado como moeda nacional, mas sim a uma versão do mesmo renovado, “com um euro igual a um franco” (Le Pen M., 2015).

¹⁰⁸ A criação da UE, em 1993, ergue-se baseada em princípios como a cooperação entre Estados que, ao ser desenrolada sem ocorrência de discriminação e num contexto onde a solidariedade reine, conduzisse a uma democracia mais justa e sólida para todos os intervenientes e residentes por entre as fronteiras europeias.

¹⁰⁹ Em afirmações pesadas refere-se a Durão Barroso e Jean-Claude Juncker como “dois exemplos de pessoas que vão para Bruxelas precisamente com uma ideologia do mundialismo porque eles nem sequer defendem os interesses da Europa” (Le Pen M., 2015).

¹¹⁰ Anos depois, com a ascensão de Ursula Von der Leyen ao poder, o sentimento preside, ao votar contra a nomeação da nacional alemã, ou seja, o sentimento mantém-se, independentemente do representante que se encontre na posição.

apenas conduziria a consequências catastróficas, especialmente para os mais pobres, não estando a seguir as diretrizes do partido que defende a preservação do povo francês. Do mesmo modo, realça que o mais certo seria que surgissem inúmeras ondas de pânico, nomeadamente nos mercados financeiros, levando a uma desvalorização inevitável e a uma corrida intensa, por parte dos franceses, aos bancos internacionais, ou, até mesmo, “amontoar de euros debaixo do colchão como fazem com dólares na América Latina”.

A par das posições defendidas, Le Pen, continua a reforçar a sua ambição de colocar um fim à livre circulação de pessoas nos países europeus, que tanto tempo demorou a ser conquistada, reforçando que esta é a única maneira de um país ser verdadeiramente independente, concluindo que um país não é um verdadeiro país se não tiver as suas fronteiras bem delimitadas e protegidas, ou seja, as pessoas teriam de pedir autorização para entrar o que significaria o fim imediato do espaço Schengen. Quando questionada sobre possíveis exceções, nomeadamente, em casos de carência e cenários de guerra, afirma que em primeiro lugar tem de cuidar dos já “nove milhões de pobres”¹¹¹, que existem dentro das fronteiras nacionais, afirmando ainda que a caridade tem de partir de cada país sendo que não pode “ajudar o mundo inteiro quando deixamos o nosso povo na miséria” (Le Pen M. , 2015).

Em 2019, num cenário pós-Brexit e muito perto das eleições europeias, a ambição de deixar a UE acaba por se alterar um pouco, indo contra os argumentos defendidos ao longo da sua carreira política¹¹². Numa entrevista à Euronews (Le Pen M. , 2020) realça, desta vez, que as consequências foram muito maiores para a União Europeia do que para o Reino Unido, o que culmina na necessidade de uma reforma interna, uma nova aliança entre países para que não haja mais saídas. Marine Le Pen defende que para não haver uma desintegração total da União Europeia é preciso repensar a comunidade.

Continuando a qualificar a Europa como uma “prisão”, apesar do seu posicionamento ter mudado face a uma possível saída do país, esta nova aliança, surgiria como uma recreação da União Europeia, liderada por políticos de extrema-direita o que, não só, modificaria radicalmente a Europa como, quem sabe, poderia ser argumento suficiente para o Reino Unido voltasse a ser um participante ativo nas decisões europeias. Para tal ser alcançado, aposta numa Europa que se apoie no sentimento de cooperação, distinguindo o sentimento de comunidade e

¹¹¹Números provenientes de 2015 e que podem surgir alterações face à realidade atual.

¹¹²Colocando um possível Frexit como algo desnecessário, por enquanto, no contexto e realidade atual francesa, esclarece que a sua mudança de opinião “não é uma questão de tudo ou nada”, completando que “agora há outra possibilidade, outro caminho”.

proteção geral, ao invés da abordagem seguida pela UE que, como a Le Pen declara, acaba por privar as nações da proteção que é necessária.

Com esta nova aspiração de cooperação e reestruturação surge a necessidade de unir forças. Tendo como anfitrião Matteo Salvini, líder da Liga Norte de Itália, o primeiro passo dá-se a 9 de abril de 2019, numa conferência de imprensa em Milão, contando com a presença de Jorg Meuthen, eurodeputado e cabeça de lista da Alternativa para a Alemanha (AfD)¹¹³, Anders Vistisen, eurodeputado do Partido do Povo Dinamarquês (DF)¹¹⁴ e Olli Kotro, eurodeputado do Partido dos Finlandeses (PS)¹¹⁵. Este encontro não só anuncia a formação de um novo grupo no Parlamento Europeu, como assinala a assinatura de um documento intitulado “Towards a common sense Europe! Peoples rise up” (Pinto J. , 2021, p. 97).

Marine Le Pen, ao ser questionada sobre este novo grupo, declara que o seu envolvimento esteve presente desde o início, enaltecendo que “we have mandated Matteo Salvini to try to build this very big group of the Defence of European Nations” para que se consiga alcançar novos feitos, tornando-se mais forte, como grupo (Casert, 2019). Marine Le Pen descreve ainda o momento como uma mudança no tabuleiro político que pretende ir mais além do trabalho que o anterior grupo parlamentar desenvolveu, especialmente, na luta contra o terrorismo. Matteo Salvini, desta vez líder, demonstra o seu desejo de reformular a realidade nacional de cada país, o que passa por colocar “work, safety, the defense of environment back at the center” das prioridades (Baume, 2019).

Destacado, pela Euronews, como uma junção das vertentes eurocéticas e nacionalistas que visam trazer o poder de “Brussels back to member states” (Huet, 2019), os meses que se antecedem às eleições de 26 de maio de 2019 para o Parlamento Europeu destacam-se pelos inúmeros cenários catastróficos apresentados, caso o grupo fosse bem-sucedido, nomeadamente, em resposta à questão do Brexit que alimentou o discurso populista por toda a Europa. Estes cenários acabam por não se tornar realidade, uma vez que os resultados acabam por ficar longe do esperado. Pinto (2021, p. 98), na sua obra, acrescenta ainda que, mesmo que as percentagens expectadas fossem alcançadas, “não seria expectável que os partidos populistas

¹¹³Considerado, desde 2017, como “country’s third-largest party” é fundado em 2013 por Bernd Lucke, Konrad Adam e Alexander Gauland, destacando-se pela sua vertente populista, nacionalista e eurocética.

¹¹⁴Também ele descrito como um partido populista e de extrema-direita, o partido político dinamarquês, surge em 1995, por mão de Pia Kjaersgaard e três outros membros do grupo parlamentar. Seguindo ideologias nacionalistas e conservadoras atinge o seu ponto máximo ao vencer as eleições europeias em 2014, granjeando 4 eurodeputados.

¹¹⁵Também conhecido por “Partido dos Verdadeiros Finlandeses”, é fundado em 1995, distinguindo-se pelas suas vertentes nacionalistas, de anti-imigração e de cariz eurocético.

criassem um grupo que englobasse a sua totalidade face não apenas à diversidade de modalidades de populismo, mas também porque alguns desses partidos populistas se sentem confortáveis com a presença noutros grupos”.

Tendo em conta o cenário pós Brexit, que levou ao afastamento de um significativo número de deputados populistas, as mudanças acontecem de forma natural¹¹⁶. Posto isto, Marine Le Pen e Matteo Salvini unem forças e conduzem a realidade política europeia a um novo grupo desta vez intitulado de Identidade e Democracia (ID). No caso específico europeu, os partidos de extrema-direita compartilham algumas das questões “base” no que toca a assuntos como a imigração, instabilidade económica e nacionalismo o que possibilita que grupos como o ID¹¹⁷ se tornem bem-sucedidos, abrindo sempre as portas a novas adesões¹¹⁸, o que ajuda a concluir que esta “nova” direita não visa reforçar o sistema democrático, mas sim, por sua vez, criticar como a democracia existente é praticada e/ou aplicada. Atualmente, o grupo parlamentar encontra-se na quinta posição na lista de maiores grupos do atual Parlamento Europeu o que, apesar de não representar um terço dos assentos, acaba por condicionar a vida da União Europeia, contribuindo sempre para o seu crescimento (Pinto J. , 2021, p. 208).

Em período de campanha eleitoral para as eleições presidenciais de 2022, o site *Político* (Momtaz, 2021), destaca o final de 2021 pelo apoio, face aos candidatos à presidência, neste caso francesa, que se regem seguindo políticas mais restritas e duras em alguns dos temas, se encontram mais propícios a obter melhores resultados, enaltecendo mesmo que, seria possível que “a third of the electorate” utilizasse o seu direito de voto a favor de um partido de extrema-direita. Diretamente relacionado com tal acréscimo de votos, junta-se as crescentes amizades, dentro do mesmo campo ideológico, que se têm vindo a construir. Le Pen, passa a procurar formas de afirmar a imagem e posição internacional, nomeadamente, quando se desloca a Budapeste, no final de outubro de 2021, para uma reunião com Viktor Orbán¹¹⁹,

¹¹⁶Para que seja possível a formação de um novo grupo, há que seguir duas condições. A primeira diz respeito ao número de deputados que deverá ser 25, enquanto a segunda, diretamente conectada, exige que incluído nesse número estejam, pelo menos, representados um quarto dos Estados-membros (Pinto J. , 2021, p. 98).

¹¹⁷A presente aliança conta com 71 deputados, sendo eles 25 da Liga, 23 do Rassemblement National, 10 da Alternativa para a Alemanha, 3 do Vlaams Belang, 3 do Partido da Liberdade da Áustria, 2 do Liberdade e Democracia Direta da República Checa, 2 do Partido dos Finlandeses, 1 do Partido do Povo Dinamarquês, 1 do Partido do Povo Conservador da Estónia e 1 do Partido para a Liberdade dos Países Baixos (Pinto J. , 2021, p. 98).

¹¹⁸Marco Zanni, Presidente do grupo desde julho de 2019, declara que estão sempre aptos para novas adesões, enaltecendo mesmo que estariam a cortejar partidos em específico, como o Vox, partido espanhol, para que se juntem, acrescentando que “the message to all of those parties who have a radically different view of Europe, if we can work together ... that would benefit all of us” (Huet, 2019).

¹¹⁹Jean-Philippe Tanguy, vice-diretor de campanha do partido francês, argumenta que a presente reunião se destaca pela nova perceção da política internacional de Le Pen, demonstrando, segundo o mesmo, que se trata de uma

Primeiro-Ministro húngaro, o que reafirma a sua capacidade de se relacionar positivamente com outros líderes estrangeiros, estabelecendo novas ligações com políticos com ideais semelhantes.

O encontro em questão surge após uma visita do seu novo opositor, Zemmour, a território húngaro, marcada pela simplicidade, a ida a uma simples biblioteca, segundo o noticiado, sem o frenesim dos meios de comunicação, em oposição do que aconteceu meses mais tarde com Le Pen. Decorrendo num momento crucial para o arranque das eleições de 2022, o encontro entre estas duas personalidades, apesar de singelo, poderia ser facilmente denotado no mundo político como um mau sinal para a líder do RN, sendo mesmo destacado, por uma fonte interna do seu partido, como algo “realmente preocupante” e que surge como um “sinal de que ele (Orbán) apoia Zemmour”, podemos estar presente a um real travão na ascensão política do RN nos últimos anos (Caulcutt & Bayer, 2021).

Por sua vez, a visita de Marine Le Pen não deixa de ser algo inédito. Recordando os comentários que o político húngaro fez quando questionado sobre a líder do RN em 2019, nos quais demonstra uma falta de entusiasmo clara, salientando, na altura, que nunca formaria uma aliança política com o partido francês. Sendo inegável que ambos os líderes são defensores de políticas fortes, nos mais diversificados campos da sociedade, nomeadamente, no que diz respeito à imigração e à União Europeia, destaca, desta vez, Marine Le Pen como uma “leading politician” que representa um partido que “always stood by Hungary” (Caulcutt, Baume, & Bayer, 2021). Uma prova de que o discurso populista cultural ou identitário se sabe adaptar às conjunturas, ou seja, depende das circunstâncias do momento.

O final de 2021 ficou marcado pela ocorrência de um encontro de partidos europeus que se podem caracterizar como adotantes de políticas conservadoras e de extrema-direita, desta vez, em plena capital polaca¹²⁰. Le Pen assinala o momento como “um passo importante”, referindo-se à reunião de tantos representantes de toda a Europa como uma demonstração de otimismo em relação ao encontro e o que este representa. Na declaração final da reunião, o grupo sublinha a importância de mais cooperação na luta que enfrenta ao contestar o poder das instituições europeias, acrescentando, via Tomasz Poreba¹²¹ que “não são os comissários, não

“respectable politician” (Caulcutt, Baume, & Bayer, Marine Le Pen aims for Budapest boost from Orbán meeting, 2021).

¹²⁰Assim como Marine Le Pen, esteve presente no encontro o italiano Matteo Salvini, o húngaro Viktor Orbán, o polaco Jaroslaw Kaczynski, o espanhol e Presidente do Vox, Santiago Abascal (Euronews, 2021).

¹²¹Eurodeputado polaco do Partido Lei e Justiça (PiS).

é a comissão, não são os burocratas nem os diretores da Comissão Europeia quem decidirá como devemos viver” (Euronews, 2021).

Estas afirmações vão no sentido de muito do que foi dito ao longo da dissertação, ou seja, exige vontade por parte dos partidos populistas culturais ou identitários de influenciar decisivamente o funcionamento da União Europeia. Porém, a luta por protagonismo por parte das principais figuras populistas constitui um constrangimento à unidade de ação. Um dado preocupante e ainda a carecer de estudo prendesse com a recente invasão russa à Ucrânia. De facto, apesar de uma tomada posição consensual de condenação a nível da União Europeia, não demorou a mostrar que há líderes populistas com relações privilegiadas com a Kremlin e Vladimir Putin.

Conclusão

A conceitualização do populismo é e sempre será bastante controversa. Representado, essencialmente, em sistemas democráticos como sombra da democracia (Canovan, 1999) , o populismo traduz-se numa crítica constante do sistema político seguido no país em questão sendo que, no que diz respeito à conjuntura política deste fenómeno, nomeadamente, em França, os extremamente bem posicionados partidos políticos de cariz populista adotam um estilo discursivo apoiado no apelo reformista, mobilizando cidadãos a vocalizar as suas frustrações face a assuntos que, podem não fazer parte da agenda política, mas representam questões sociais importantes. Para apresentar demandas e reivindicações populares o sucesso populista apenas é possível através de discursos astutos que demonstrem que entendem o desapontamento popular face o distanciamento entre partido e eleitores, o que se tem visto a acontecer por toda a Europa. A representação é uma das mais importantes características num regime democrático e o fenómeno populista destaca-se pela sua oposição. Le Pen e os demais líderes políticos populistas tensionam o debate político contra todos os corpos e instituições do Estado em busca de um culpado sem nunca se intitulem como representantes, em oposição, encaixam-se no pensamento de “o povo sou seu”.

Incerto seria prever que esta vaga populista de direita, que aos poucos se vem alastrando por toda a Europa, não só iria culminar numa erosão de algumas democracias como até, nalguns casos, produziria novas formas de autoritarismo (Pinto A. , 2021), A tendência para o crescimento dos partidos populistas de direita radical parece óbvia e a verdade é que os sucessos alcançados por parte dos mesmos têm, sem margem de dúvidas, um efeito de normalização (Marchi, 2022). Uma vitória de um partido de extrema-direita em França, iria ter uma repercussão na forma como os restantes cidadãos europeus visionam o desenrolar da política dos seus países, dando novas margens de sucesso a partidos com políticas semelhantes.

A França é um país de história e importância incontestável para a realidade europeia. Enaltecida como um dos países fundadores da UE assumiu, após a saída do Reino Unido da União Europeia, o posto de segunda maior economia depois da Alemanha. Distinguindo-se dos demais países, por ser o único dos 27 membros que possui um lugar permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas e, atualmente, ser a única potência nuclear da UE, faz com que desempenhe um papel fundamental na estrutura europeia, papel este que, na ótica do seu Presidente reeleito tende a crescer. Com a invasão da Ucrânia e uma guerra em território

européu, a União Europeia precisa de um líder francês forte, que se destaque e que esteja presente caso o novo chanceler alemão não esteja ao nível desejado.

Posto isto, e denotando que, de modo geral, o conceito estruturante do populismo não possui, apesar das suas distintas formas de manifestação, uma referência imediata face à conduta e desenrolar da política externa, existem elementos comuns que podem e devem ser compreendidos no processo. Com quarenta e oito milhões de eleitores inscritos, o povo francês tem-se deparado com uma questão que apresenta resultados não tão discrepante nos últimos anos: nacionalistas ou globalistas no poder? Com Le Pen a perder as últimas duas eleições presidenciais para Macron por percentagens tão curtas, surge o debate sobre até que ponto as vitórias não assentam apenas no trunfo que o sistema eleitoral representa. Apresentando os resultados mais altos em termos de abstenção desde 1969, a realidade é que mais de metade dos eleitores seguiram, em pleno ano de 2022, o caminho populista na primeira ronda eleitoral. Os resultados não deixam margem para dúvidas, os franceses estão descontentes e aspiram mudanças, mesmo que estas sejam conduzidas por líderes controversos e que representem partidos de ambos os extremos do espectro político.

Estando Emmanuel Macron no seu segundo mandato, e tendo em conta que não pode ser reeleito para um terceiro mandato consecutivo, é provável que daqui a cinco anos a realidade francesa se altere e, possivelmente, o seu papel como membro da União Europeia. Apesar de Marine Le Pen não apostar num “FREXIT” como o apresentado no seu programa eleitoral de 2017, a realidade é que algumas das propostas de 2022 acabam por apresentar contradições, uma vez que as suas estratégias acabam por chocar com alguns dos princípios básicos da UE. Nomeadamente, quando ambiciona um referendo constitucional para conter a imigração que aponta como descontrolada, adotando medidas destinadas a favorecer os franceses no acesso a emprego e habitação social, contrariando assim artigos como o 15 e 21 da Carta de direitos fundamentais da UE, que garantem liberdade de trabalho para um cidadão que pertença à comunidade independentemente do país membro de origem. Em adição, ao apostar numa criação de um ministério para combater fraudes relacionadas a entradas indevidas de mercadorias estrangeiras, facilmente entendidas como “concorrência” levariam, não só, a um condicionamento da livre circulação de bens como acabaria por culminar num possível isolamento do país face aos restantes. Tais medidas não só constituem uma reformulação de políticas e estrutura interna, não esquecendo que durante décadas a antiga Frente Nacional se distinguiu por defender uma redução do Estado e das tributações, como se iriam ter repercussão

no patamar externo, uma vez que mesmo não ambicionando o abandono da UE, como outrora defendera, a sua eleição colocaria a França numa rota certa de colisão face a inúmeras leis e regulamentos europeus ao ambicionar, por exemplo, uma restrição clara de empregos e benefícios de cariz estatais para todos os cidadãos que não sejam franceses.

Outro dos campos que sofreria consequências e graves preocupações seria o académico. Sem apoio e com limitações claras, as universidades acabariam com restrições que se podem facilmente enunciar como falta de liberdade académica, isolando cada vez mais a França e os seus jovens dos restantes países.

Muitos dos cidadãos franceses são eurocéticos assumidos e não há como negar que uma vitória de Marine Le Pen enfraqueceria a unidade que a UE representa, nomeadamente ao reduzir o poder de decisão que a mesma deve ter. Num cenário de guerra como o enfrentado em 2022, Le Pen poderia vetar mais sanções contra a Rússia e opor-se a qualquer apoio militar à Ucrânia. Caso esta fosse a direção adotada torna-se difícil imaginar como a União Europeia conseguiria adaptar-se a essas medidas sem se desintegrar. É claro que esta capacidade e decisão unilateral de Le Pen, tanto a nível interno como externo, não dependeria apenas e meramente da própria, apesar do semipresidencialismo francês ser incrementado. De acordo com a Constituição francesa, é o Governo francês que decide as prioridades políticas e não o Presidente por si só. Este, apesar de ter uma palavra significativa, iria depender de quão cooperantes os membros do Governo fossem face às ideias defendidas, daí a importância das eleições parlamentares, referidas por muitos como a terceira e derradeira volta das eleições francesas. Para haver uma linha de decisões conjuntas e facilitar uma possível aprovação de legislação, o Presidente, geralmente, nomeia um Primeiro-Ministro que tem apoio da maioria dos deputados. O Primeiro-Ministro e o Presidente compartilham, neste caso, a responsabilidade pelas operações militares e pela maioria das decisões políticas da UE.

Apesar das eleições de 2022 darem a vitória, mais uma vez, a Emmanuel Macron e ao *En Marche!*, a França não pode ser complacente. Na eleição presidencial de 2027, com Macron fora de cena, pode não ser fácil encontrar um candidato apostado em defender a UE com um projeto político. De momento, pode-se referir que a França escolheu a Europa, mas até quando passa a ser a nova questão, com a agravante de as eleições legislativas de 2022, consubstanciadas na perda de maioria absoluta do partido do Presidente, terem proporcionado um aumento exponencial do populismo cultural ou identitário do RN e do populismo socio económico do *La France insoumise*.

Bibliografia

- Baume, M. (8 de abril de 2019). Salvini aims high with populist alliance for Europe. Obtido de <https://www.politico.eu/article/salvini-aims-high-with-populist-alliance-for-europe/>
- BBC. (2017). French election: Le Pen pledges to suspend immigration. *BBC*. Obtido de <https://www.bbc.com/news/world-europe-39625509>
- BBC news. (7 de maio de 2017). Quem é Emmanuel Macron, o novo Presidente eleito da França. Obtido de <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39827757>
- Bercito, D. (29 de janeiro de 2018). Política externa catapultou popularidade de Macron na França. Madrid. Obtido de <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2018/01/29/politica-externa-catapultou-popularidade-de-macron-na-franca.ghtml>
- Betz, H., & Immerfall, S. (1998). *The new politics of the right: neo-populist parties and movements in established democracies*. Nova Iorque: St.Martin's Press.
- Beyme, K. (1988). Right-wing extremism in post-war Europe. p. 3. doi:DOI: 10.1080/01402388808424678
- BFM. (16 de maio de 2021). Emplis présumés fictifs au RN: le trésorier du RN Wallerand de Saint-Just "accuse Eric Dupond-Moretti d'être à l'origine de cette fuite. França. Obtido de https://www.bfmtv.com/politique/emplis-presumes-fictifs-au-rn-le-tresorier-du-rn-wallerand-de-saint-just-accuse-eric-dupond-moretti-d-etre-a-l-origine-de-cette-fuite_VN-202105160116.html
- Bouclier, T. (2006). *Les Années Pujade: une histoire du poujadisme (1953-1958)*. França: Éditions Remi Perrin.
- Brack, N. (2012). Eurosceptics in the European Parliament: Exit or voice? *Journal of European Integration* , 151-168.
- Bréchon, P. (2012). La droite à l'épreuve du Front national. Em P. Delwit, *Le Front* (pp. 161-170). Bruxelas: Editions de l'Université de Bruxelles.
- Breuning, M. (2007). *Foreign policy analysis: a comparative introduction* . Nova Iorque: Palgrave.

- Bryant, E. (22 de fevereiro de 2019). France's Marine Le Pen stokes anti-EU sentiment. Paris. Obtido de <https://www.dw.com/en/frances-marine-le-pen-stokes-anti-eu-sentiment/a-47612444>
- Cambridge words. (27 de novembro de 2017). Cambridge dictionary's word of the year 2017. Reino Unido. Obtido de <https://dictionaryblog.cambridge.org/2017/11/29/cambridge-dictionary-word-of-the-year-2017/>.
- Cambridge words. (27 de novembro de 2017). Cambridge Dictionary's Word of the Year 2017. Obtido de <https://dictionaryblog.cambridge.org/2017/11/29/cambridge-dictionary-word-of-the-year-2017/>
- Camus, J. (1996). Le Front National et la Nouvelle Droite. Em S. Crépon, *Les faux-semblants du Front National: Sociologie d'un parti politique* (pp. 27-50). Paris: Presses de science po.
- Camus, J. (1996). Origine et formation du Front National (1972-1981). Em N. Mayer, *Le Front National à découvert* (pp. 17-36). Paris: Presses de Sciences.
- Camus, J. (2015). Le Front National et la Nouvelle DroitE. Em S. Crépon, *Les faux-semblants du Front National: Sociologie d'un parti politique* (pp. 27-50). Paris: Presses de Science .
- Canovan, M. (1999). Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy. Em M. Canovan, *Political studies* (pp. 2-16). Political studies association.
- Casert, R. (15 de Abril de 2019). French right-winger Le Pen wants Italy's Salvini to form populist EU group. Obtido de <https://www.independent.ie/world-news/french-right-winger-le-pen-wants-italys-salvini-to-form-populist-eu-group-38017929.html>
- Caulcutt, C., & Bayer, L. (24 de setembro de 2021). Viktor Orbán rolls out the red carpet for Marine Le Pen's firebrand rival. Obtido de <https://www.politico.eu/article/viktor-orban-meeting-eric-zemmour/>
- Caulcutt, C., Baume, M., & Bayer, L. (26 de outubro de 2021). Marine Le Pen aims for Budapest boost from Orbán meeting. Obtido de <https://www.politico.eu/article/marine-le-pen-france-hungary-viktor-orban/>

- Chrisafis, A. (2015). Marine Le Pen in political attack on her father after he belittles Holocaust. *The guardian*. Obtido de <https://www.theguardian.com/world/2015/apr/08/marine-le-pen-front-national-jean-marie-elections-holocaust>
- Comissão Europeia. (s.d.). A política agrícola comum. *A política agrícola comum apoia os agricultores e garante a segurança alimentar da Europa*. Obtido de https://ec.europa.eu/info/food-farming-fisheries/key-policies/common-agricultural-policy/cap-glance_pt#title
- Comissão Europeia. (s.d.). Europa sem fronteiras: o espaço Schengen. pp. 3-4. Obtido de https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/default/files/e-library/docs/schengen_brochure/schengen_brochure_dr3111126_pt.pdf
- Costa, J. (2017). Afinal, o que é o populismo? *Fundação Francisco Manuel dos Santos*. Obtido de <https://www.ffms.pt/blog/artigo/85/afinal-o-que-e-o-populismo>
- Delwit, P. (2012). *Le Front national, mutations de l'extrême droite Française*. Bruxells: Editions de l'Université de Bruxelles.
- Direção geral das atividades económicas. (s.d.). Acordo CETA - EU/Canadá | Informações para as empresas exportadoras. Obtido de <https://www.dgae.gov.pt/comunicacao/destaques/acordo-ceta-eucanada-informacoes-para-as-empresas-exportadoras.aspx>
- Eder, F., Vinocur, N., & Baume, M. (15 de junho de 2015). Extrema direita da França forma bloco no Parlamento Europeu. Obtido de <https://www.politico.eu/article/frances-national-front-forms-bloc-in-european-parliament/>
- Euractiv. (23 de fevereiro de 2012). Marine Le Pen: what she means for Europe. Obtido de <https://www.euractiv.com/section/elections/news/marine-le-pen-what-she-means-for-europe/>
- Euroactiv. (21 de fevereiro de 2012). Marine Le Pen: What she means for Europe. França. Obtido de <https://www.euractiv.com/section/elections/news/marine-le-pen-what-she-means-for-europe/>
- Euronews. (6 de dezembro de 2021). Partidos europeus nacionalistas e de extrema-direita ainda divididos. Obtido de <https://pt.euronews.com/2021/12/06/partidos-europeus-nacionalistas-e-de-extrema-direita-ainda-divididos>

- Euronews. (6 de dezembro de 2021). Partidos europeus nacionalistas e de extrema-direita ainda divididos. Obtido de <https://pt.euronews.com/2021/12/06/partidos-europeus-nacionalistas-e-de-extrema-direita-ainda-divididos>
- Fererberg, E. (8 de maio de 2017). Aos 39, Macron é o líder francês mais novo desde Napoleão. Obtido de <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39844323>
- Frankel, J. (1963). *The making of foreign policy*. Oxford: Oxford university press.
- Freire, M. (janeiro de 2011). Política externa: as relações internacionais em mudança. (I. d. Coimbra, Ed.) doi:<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0086-4>
- Freire, M., & Vinha, L. (2011). Política externa: modelos, atores e dinâmicas. *Imprensa da Universidade de Coimbra*. doi:<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0086-4>
- Gerbaudo, P. (2014). Populism 2.0: Social Media Activism, the Generic Internet User and Interactive Direct Democracy. Em P. Gerbaudo, *Social media, politics and state protests, revolutions, riots, crime and policing in the age of Facebook, Twitter and Youtube* (pp. 67-87). New York: Routledge .
- Goodwin, M. (8 de março de 2019). Extreme politics: the four waves of national populism in the west. doi:10.1017/9781108654722.007
- Huet, N. (13 de junho de 2019). Nationalism in the EU has a new name: 'Identity and Democracy'. Obtido de <https://www.euronews.com/2019/06/13/nationalism-in-the-eu-has-a-new-name-identity-and-democracy>
- Ignazi, P. (1992). The silent counter-revolution. *European journal of political research*, 3-34.
- International Churchill Society. (s.d.). *International Churchill Society*. Obtido de <https://winstonchurchill.org/publications/finest-hour/finest-hour-136/media-matters/>
- Ionescu, G., & Gellner, E. (1969). *Populism: its meaning and national characteristics* . Nove Iorque: Macmillan.
- Ivie, W. (1953). *What is a technocrat?* Seattle: The northwest technocrat.
- Jornal económico com lusa. (9 de março de 2018). “Implantar-se, aliar-se, governar”. Refundação da Frente Nacional inclui mudança do nome. Obtido de <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/implantar-se-aliar-se-governar-refundacao-da-frente-nacional-inclui-mudanca-do-nome-278989>

- Kaltwasser, C., & Mudde, C. (2017). *Populismo: uma brevíssima introdução*. Oxford: Gravidia.
- Kempin, R. (maio de 2021). France's foreign and security policy under president Macron. *The consequences for Franco-German cooperation*, p. 51. Obtido de <https://www.swp-berlin.org/en/publication/frances-foreign-and-security-policy-under-president-macron/#hd-d23619e315>
- Kopcky, P., & Mudde, C. (2002). *The Two Sides os Euroscepticism. Party Positions on European Integration in East Central Europe* (Vol. 3). European Union Politics.
- La République en Marche! (7 de maio de 2017). Emmanuel Macron au Louvre - Discours du 7 mai 2017. Paris, França. Obtido de https://www.youtube.com/watch?v=2cJh_v5mmuc
- Le Pen, J. (28 de fevereiro de 2018). National Front's Jean-Marie Le Pen says party name change is 'suicide'. (Reuters, Entrevistador) França. Obtido de <https://www.reuters.com/article/us-france-politics-lepen-memoirs-idUSKCN1GC1VP>
- Le Pen, M. (s.d.).
- Le Pen, M. (2012). *Pour que vive la france*. Paris: Grancher.
- Le Pen, M. (2012). *Pour que vive la France*. Paris: Grancher.
- Le Pen, M. (21 de março de 2015). Marine Le Pen ao Expresso: “A União Europeia é uma ditadura”. (D. Ribeiro, Entrevistador) Obtido de <https://expresso.pt/internacional/2017-05-06-Marine-Le-Pen-ao-Expresso-A-Uniao-Europeia-e-uma-ditadura>
- Le Pen, M. (fevereiro de 2017). La Révision.
- Le Pen, M. (2017). Pour amour de la France. *Conférence présidentielle n°4*. Paris: Discours de Marine Le Pen.
- Le Pen, M. (5 de fevereiro de 2017). Replay. Discours de campagne de Marine Le Pen à Lyon. Lyon, França. Obtido de <https://youtu.be/VODwmB76QzY>
- Le Pen, M. (7 de fevereiro de 2020). Marine Le Pen: EU has more to lose on Brexit, but I don't want Frexit. (euronews, Entrevistador) Obtido de <https://www.euronews.com/2020/02/06/marine-le-pen-eu-has-more-to-lose-on-brexit-but-i-don-t-want-frexit>

- Lebourg, N. (2015). Le Front National et la galaxie des extrêmes droites radicales. Em S. Crépon, *Les faux-semblants du Front National: Sociologie d'un parti politique*. (pp. 121-139). Paris: SciencePo Les Presses.
- Lebourg, N., & Beauregard, J. (2012). *François Duprat, l'homme qui inventa le Front National*. France: Denoel editions.
- Leparmentier, A. (8 de fevereiro de 2017). Dans son programme, la candidate du Front national prône notamment le « rétablissement d'une monnaie nationale adaptée à notre économie ». Un scénario qui menerait la France au désastre. Nova Iorque. Obtido de https://www.lemonde.fr/idees/article/2017/02/08/le-pen-l-europe-et-le-pauvre-franc_5076495_3232.html
- Lusa. (2018). Marine Le Pen propõe mudar nome da Frente Nacional. *Negócios*. Obtido de <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/europa/detalhe/marine-le-pen-propoe-mudar-nome-da-frente-nacional>
- Lusa. (16 de maio de 2021). Partido de Marine Le Pen desviou 6,8 milhões de euros de fundos europeus. *Público*. Obtido de <https://www.publico.pt/2021/05/16/mundo/noticia/partido-marine-le-pen-desviou-68-milhoes-euros-fundos-europeus-1962796>
- Macron, E. (16 de fevereiro de 2020). Emmanuel Macron at the Munich security conference 2020 (english version). (W. Ischinger, Entrevistador) Obtido de https://www.youtube.com/watch?v=9aQjUf_LwPI
- Mahony, H. (14 de novembro de 2007). MEPs welcome fall of far-right group. Bruxelas. Obtido de <https://euobserver.com/political/25148>
- Marchi, R. (14 de outubro de 2019). Chega: extrema-direita ou populismo de direita radical? (B. Lopes, Entrevistador) Obtido de <https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/chega-extrema-direita-ou-populismo-de-direita-radical>
- Marchi, R. (22 de abril de 2022). Resultado de Le Pen pode contribuir para normalizar extrema-direita, consideram politólogos. (A. Lusa, Entrevistador) Obtido de <https://observador.pt/2022/04/22/resultado-de-le-pen-pode-contribuir-para-normalizar-extrema-direita-consideram-politologos/>

- Melander, I., & Carraud, S. (28 de fevereiro de 2018). National Front's Jean-Marie Le Pen says party name change is 'suicide'. Obtido de <https://www.reuters.com/article/us-france-politics-lepen-memoirs-idUSKCN1GC1VP>
- Melander, I., & Carraud, S. (28 de fevereiro de 2018). National Front's Jean-Marie Le Pen says party name change is 'suicide'. Obtido de <https://www.reuters.com/article/uk-france-politics-lepen-memoirs-idUKKCN1GC1VM>
- Melzer, R., & Serafin, S. (2013). *Right-wing Extremism in Europe: country analyses, counter-strategies and labor-market oriented exit strategies*. Berlin: Friedrich Ebert Foundation.
- Ministério da defesa francês. (2017). Revue stratégique de défense et sécurité nationale . (p. 111). Paris: Bureau des Éditions. Obtido de <https://www.defense.gouv.fr/content/download/514684/8664656/file/2017-RS-def1018.pdf>
- Mintz, A., & DeRouen, K. (2010). *Understanding foreign policy decision making*. Cambridge: Cambridge university press.
- Modelski, G. (1962). *A theory of foreign policy*. Nova Iorque: Praeger.
- Momtaz, R. (6 de dezembro de 2021). How France pivoted to the right. Obtido de <https://www.politico.eu/article/how-france-pivoted-to-the-right/>
- Moreira, A. (12 de agosto de 2008). A França e a NATO. *Diário de notícias*. Obtido de <https://www.dn.pt/arquivo/2008/a-franca-e-a-nato-1127541.html>
- Mouffe, C. (1 de maio de 2014). Populism is a necessity. (T. european, Entrevistador) Obtido de <https://www.theeuropean.de/en/chantal-mouffe--4/8420-why-the-eu-needs-populism>
- Mudde, C. (2004). The populist Zeitgeist. 39. Obtido de http://works.bepress.com/cas_mudde/6/
- Mudde, C. (2007). *Populist radical right: a pathological normalcy*. Cambridge: Cambridge: University Press.
- Mudde, C. (setembro de 2016). The study of populist radical right parties: towards a fourth wave. (J. Ravik, Ed.) p. 3. Obtido de <https://www.sv.uio.no/c-rex/english/publications/c-rex-working-paper->

series/Cas%20Mudde:%20The%20Study%20of%20Populist%20Radical%20Right%20Parties.pdf

Mudde, C. (9 de março de 2017). O que é o populismo? (J. Gaspar, Entrevistador) Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=4hS07oiqg98&feature=youtu.be>

Mudde, C. (2018). The extreme right party family. p. 24. Obtido de <https://www.manchesteropenhive.com/downloadpdf/9781526137753/9781526137753.00005.pdf>

Mudde, C., & Kaltwasser, C. (2017). *Populism: a very short introduction*. Oxford university press.

Narcizo, M. (2019). A extrema direita francesa em reconstrução: Marine Le Pen e a desdemonização do Front National (2011-2017). pp. 51-54. Obtido de <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/27286/1/ExtremaDireitaFrancesa.pdf>

Ouest france. (5 de setembro de 2021). Présidentielle 2022. Un nouveau sondage place Emmanuel Macron et Marine Le Pen au 2nd tour. Obtido de <https://www.ouest-france.fr/elections/presidentielle/presidentielle-2022-un-nouveau-sondage-place-emmanuel-macron-et-marine-le-pen-au-2nd-tour-145cfe20-0e7e-11ec-aed2-938cdb0b390a>

Panizza, F. (2005). *Introduction: populism and the mirror of democracy*. Londres: Verso.

Pappas, T. (2013). *Populist Democracies: Post-Authoritarian Greece and Post-Communist Hungary*. Cambridge: Government and Opposition.

Pinto, A. (21 de fevereiro de 2021). "Não fomos capazes de prever que uma vaga populista de direita radical não só iria conduzir à erosão de algumas democracias como, nalguns casos, até produziria novas formas de autoritarismo". (S. Luís, Entrevistador) Obtido de <https://visao.sapo.pt/ideias/2021-02-21-nao-fomos-capazes-de-prever-que-uma-vaga-populista-de-direita-radical-nao-so-iria-conduzir-a-erosao-de-algumas-democracias-como-nalguns-casos-ate-produziria-novas-formas-de-autoritarismo/>

Pinto, A. (22 de abril de 2022). Resultado de Le Pen pode contribuir para normalizar extrema-direita, consideram politólogos. (A. Lusa, Entrevistador) Obtido de <https://observador.pt/2022/04/22/resultado-de-le-pen-pode-contribuir-para-normalizar-extrema-direita-consideram-politologos/>

- Pinto, J. (2017). *Populismo e Democracia - Dinâmicas Populistas na União Europeia*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinto, J. (2020). *Estados desunidos da Europa - A hora do futuro*. Lisboa: Edições sílabo.
- Pinto, J. (2022). *As Europas e os Novíssimos Príncipes. Os escândalos populistas*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Portal diplomático. (s.d.). Brexit - A Saída do Reino Unido da União Europeia. Obtido de <https://www.portaldiplomatico.mne.gov.pt/politica-externa/brexit>
- Rapnouil, M., & Shapiro, J. (5 de maio de 2017). Macron's foreign policy: claiming the tradition. p. 2. doi:https://ecfr.eu/article/commentary_macrons_foreign_policy_claiming_the_tradition_7285/
- Rassemblement National. (2017). 144 engagements présidentiels. pp. 2-24.
- Rioux, J. (1991). Des clandestins aux activistes (1945-1965). Em M. Winock, *L'Europe de l'Extrêmes droite: de 1945 à nos jours* (p. 217). Paris: Complexe.
- Sanford, A. (2 de fevereiro de 2017). What are Marine Le Pen's policies? *Euronews*. Obtido de <https://www.euronews.com/2017/02/09/what-do-we-know-about-marine-le-pen-s-policies>
- Shields, J. (1 de fevereiro de 2010). Support for Le Pen in France: Two Elections in Trompe l'œil. p. 30. doi:<https://doi.org/10.1111/j.1467-9256.2009.01369.x>
- Sky news. (17 de janeiro de 2022). Eric Zemmour: Far-right French presidential candidate convicted of inciting racial hatred over migrant children comments. Reino Unido. Obtido de <https://news.sky.com/story/eric-zemmour-far-right-french-presidential-candidate-convicted-of-inciting-racial-hatred-over-migrant-children-comments-12518459>
- Sol. (11 de março de 2018). Frente Nacional muda de nome. França. Obtido de <https://sol.sapo.pt/artigo/603852/frente-nacional-muda-de-nome>
- Sousa, P. (2014). A política externa como política pública? Diálogos entre estudos políticos e estudos internacionais. *Revista eletrónica de ciência política*, 5, 110-131.
- Taggart, P. (2000). *Populism*. Londres: Open university press.

- Taggart, P. (2018). *Populism and "unpolitics"*. Londres: Routledge.
- Veen, H. (1997). *Rechtsextremistische und rechtspopulist partein in Europa (EU) und im Europaparlament*. Bonn: texte zur Inneren sichrheit.
- Vinocur, N. (2017). *Marine Le Pen makes globalization the enemy*. Obtido de <https://www.politico.eu/article/marine-le-pen-globalization-campaign-launch-french-politics-news-lyon-islam/>
- Walker, S., & Schafer, M. (11 de janeiro de 2018). Operational Code Theory: Beliefs and Foreign Policy Decisions. *Oxford Research encyclopedia of international studies*. Obtido de <https://oxfordre.com/internationalstudies/view/10.1093/acrefore/9780190846626.001.0001/acrefore-9780190846626-e-411>.
- Walt, V. (29 de maio de 2014). Marine Le Pen's Plot Against Europe. Paris. Obtido de <https://time.com/135473/marine-le-pen-europe/~>
- Warren, H., Alexander, C., & Nussbaum, A. (28 de junho de 2021). Republican Rivals Emerge for Macron, Le Pen. Obtido de <https://www.bloomberg.com/graphics/2021-france-regional-elections/>
- Weyland, K. (novembro de 2017). Populism: a political - strategic approach. (C. R. Kaltwasser, P. Taggart, P. O. Espejo, & P. Ostiguy, Edits.) *I*. doi:10.1093/oxfordhb/9780198803560.013.2
- Wike, R. (21 de 4 de 2017). *5 charts showing where France's National Front draws its support*. Obtido de Pew research center: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/21/5-charts-showing-where-frances-national-front-draws-its-support/>
- Wike, R. (2017). 5 charts showing where France's National Front draws its support. *Pew research center*. Obtido de <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/21/5-charts-showing-where-frances-national-front-draws-its-support/>
- Williams, M. H. (2006). *The impact of radical right-wing parties in west european democracies*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.

